



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Serviço Social – SER
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

ALESSANDRA REGINA TEIXEIRA DA SILVA

**CONFIGURAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA DA ESTRUTURAL: UMA
ANÁLISE POTENCIAL DO SERVIÇO SOCIAL COM FOCO NOS ESTUDOS
SOCIOECONÔMICOS DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL**

Brasília – DF

2019

ALESSANDRA REGINA TEIXEIRA DA SILVA

**CONFIGURAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA DA ESTRUTURAL: UMA
ANÁLISE POTENCIAL DO SERVIÇO SOCIAL COM FOCO NOS ESTUDOS
SOCIOECONÔMICOS DOS CATADORES DE MATERIAL REICLÁVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social (SER), do Instituto de Ciências Humanas (IH), como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social, pela Universidade de Brasília (UnB), sob orientação do Prof. Dr. Perci Coelho de Souza.

Brasília – DF

2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drº Perci Coelho de Souza
Orientador

Ma. Patrícia Cristina Pinheiro de Almeida
Membro

Karine Cardoso Moura Nunes
Membro

Dedicado à Iza Akemi Yossugo (in memoriam) por ter sido uma mãe, amiga e parceira de carteador e dominó. E por ter me dado os abraços mais fofinhos que me fazia a pessoa mais feliz e segura do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que tem sido minha maior força principalmente nesses últimos anos que não têm sido fáceis. Mas Ele sempre esteve comigo e sei que estará sempre.

Agradeço imensamente a meus pais Deusimar e Antônio por darem a mim e a meu irmão tudo que eles nunca tiveram, principalmente a oportunidade de estudar. Se hoje estou aqui é graças grande parte a eles. Tenho muito orgulho de ser filha de desses dois nordestinos que largaram o interior do Maranhão e vieram para Brasília sem nada, apenas comigo e meu irmão como o sonho de que pudéssemos ter uma vida melhor.

Agradeço ao meu irmão Antônio e a minha cunhada Francisca por sempre me ajudarem quando recorro a eles. Por sempre acreditarem em mim e por todas as boas conversas e sábios conselhos.

Agradeço a senhora tia Iza (*In memoriam*) por ter sido uma mãe nos 4 anos que convivemos, espero que onde quer que a senhora esteja, que esteja orgulhosa da mulher que me tornei. Obrigada também por ter me incentivado tanto a fazer Serviço Social. Obrigada principalmente por todo o seu amor.

Agradeço carinhosamente ao meu orientador prof. Perci por toda paciência, ensinamentos, pelo entusiasmo com que me dava as orientações e por todas as vezes que dizia que tudo iria dar certo mesmo eu sempre achando que não. Obrigada pela sua generosidade e pelo amor que tem por ensinar!

Agradeço aos catadores da Estrutural cooperados e individuais, por tudo que vocês fazem pela nossa cidade e pelo meio ambiente. Também por terem sido fortes e terem lutado pela cidade que temos hoje, pelos galpões e por lutarem constantemente pelo direito ao trabalho digno. Agradeço de modo especial a Sra. Zilda (Cooperativa Construir), ao Sr. José (Cooperativa Coopere), ao Sr. Antônio (catador individual) que disponibilizaram seu precioso tempo me cedendo uma entrevista, a Andréia secretária da Cooperativa Plasferro, por sua paciência ao me mostrar todo o funcionamento da cooperativa e por ter sanado minhas dúvidas acerca da cooperativa. Obrigada, obrigada, obrigada!!

Agradeço à Assistente Social Karine, por ter sido tão receptiva comigo quando fui ao CRAS e por ter me dado a oportunidade de analisar os estudos socioeconômicos podendo assim dar prosseguimento ao meu TCC. Além de ser uma referência de profissional!

Agradeço também a minha supervisora de campo da época do estágio no Hospital Regional da Asa Norte- HRAN, a Assistente Social Camila Torres, por ter sido um grande exemplo de profissional para mim e por ter me ensinado tanto com o meu primeiro contato prático com a profissão desde a abordagem aos usuários até a discussão acerca do Serviço Social no campo da Saúde. E além disso, por ter me dado bons conselhos que levarei para a vida toda.

Agradeço a meus amigos da turma do 1º/2011, em especial a Mayra, Gustavo, Kamilla, Ana Clécia e Mariana por terem sido meus primeiros professores assim que entrei na UnB me ensinando sobre o respeito para com as diferenças dos outros e pelos bons anos dentro da Universidade.

Agradeço a meus amigos que são irmão para mim, Laura e Ruan, obrigada por sempre me apoiarem, por terem compreendido minha ausência por diversas vezes. A amizade e irmandade de vocês é um dos melhores presentes que já recebi da vida.

Agradeço aos bons amigos que fiz na UnB em especial o meu amigo e parceiro de RU, Texssandro, obrigada por aguentar meus estresses, pelas suas análises da realidade que sempre me faziam rir quando eu estava estressada ou triste. Obrigada por ser esse amigo fiel e protetor. À Jane, Carol e João por toda parceria, risadas e conversas sobre qualquer assunto aleatório além dos ensinamentos passados!

Agradeço a amiga Silvia e seu Lourival pelos abraços que traziam aconchego, pelos docinhos maravilhosos que adoçavam meus dias amargos. Obrigada por deixarem o RU melhor com seus doces e suas presenças.

Agradeço a toda a equipe do Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE), a dona Dirce, Cleide, a seu Ângelo, Thaís, Ariadna, Regina e Caroline e a toda a equipe que desde o primeiro momento me receberam tão bem me fazendo sentir parte integrante e não excluída como me senti tantas vezes na UnB. Agradeço bastante por lutarem sempre para que todos nós alunos tenha um bom lugar para estudar, com bons computadores e em um ambiente muito acolhedor. E por todas as vezes que falaram para mim que eu iria conseguir concluir esse trabalho, por toda força e carinho que tiveram

comigo. Obrigada pelo café diário feito com muito amor, obrigada pelos abraços, pelos sorrisos e até pelas balinhas!! Jamais esquecerei tudo que fizeram por mim.

Agradeço a minha psicóloga Dra. Marli que tanto me ajuda e por sempre me lembrar que eu sou dona e senhora da minha vida e que posso sempre escolher o melhor para mim. E por toda força que me dá frente as decisões que tomo na minha vida, por ter acreditado e torcido por mim durante esse longo período de construção do presente trabalho. Agradeço a minha psiquiatra Dra. Juliana pelo apoio de sempre, pela paciência e sensibilidade que sempre teve comigo mesmo em meio as minhas crises.

Agradeço a mineira de coração enorme e que vende o melhor pastel e suco de maracujá da Asa Norte, por sempre me receber com um sorriso largo, com um abraço acolhedor e por sempre me incentivar a nunca desistir das coisas pelo que acredito, “tia” Edna, obrigada por tudo isso e por muito mais que a senhora fez por mim. A a seu filho Wagner também gostaria de agradecer pelas dicas que me deu sobre TCC, por muitas vezes ter me acalmado dizendo que tudo daria certo. Obrigada!

Por fim, agradeço a todos que mesmo não citando me ajudaram para que eu pudesse chegar até aqui. Se eu não tivesse todos vocês comigo durante essa longa jornada eu não sei o que seria de mim. A caminhada é árdua, mas com as pessoas certas ao lado ela se torna mais prazerosa. Gratidão a todos por tudo.

“Lutar, Criar, Reciclagem Popular!”

Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve o objetivo geral fazer uma reconfiguração da relação do Serviço Social com a classe trabalhadora da cidade Estrutural mediada pela análise de um conjunto de mais de cem estudos socioeconômicos realizados pelo Centro de Referência em Assistência Social daquela área da periferia do Distrito Federal – DF aplicados junto aos catadores de material reciclável para terem acesso ao trabalho. A pesquisa foi realizada com ida a campo de estudo aplicando entrevistas e análise documental. Além disso, o trabalho de investigação procurou discutir o processo histórico do chamado “lixão da estrutural” estudando os fundamentos que distinguem o lixo em si do para si segundo a lógica do capital. As implicações deste processo histórico-estrutural com a Questão Urbana no Distrito Federal, a exploração e espoliação do trabalho e o papel do Serviço Social. O método utilizado foi inspirado no materialismo- histórico-dialético. O quadro referencial teórico retomou estudos da teoria social crítica urbana combinado aos estudos sobre Brasília com foco no processo de segregação socioespacial para entender política da assistência social no DF na cidade estrutural. Desse quadro referencial teórico foram obtidas oito categorias chaves para análise são elas periferização, política urbana, segregação socioespacial, trabalho, assistência social na questão urbana, espoliação, assistência social e estudo socioeconômico. A hipótese foi parcialmente confirmada quantitativamente e qualitativamente, mostrando a importância do estudo socioeconômico na compreensão e enfrentamento as demandas dos catadores auxiliando a melhor atuação do Serviço Social frente a realidade dos catadores. Além de após o presente trabalho a desconstrução dos preconceitos e visões limitadas acerca da cidade Estrutural. Ao fim a pesquisa mostrou as potencialidades do Serviço Social ao lidar com as expressões da questão social, a importância do estudo socioeconômico e a força dos trabalhadores de materiais recicláveis.

Palavras-chave: Questão Urbana; Catadores de material reciclável; Serviço Social, Exploração.

ABSTRACT

The purpose of this study was to reconfigure the relationship between Social Service and the working class of the Structural City, mediated by the analysis of a set of more than one hundred socioeconomic studies carried out by the Center for Social Assistance in that peripheral area of the Federal District - DF applied to collectors of recyclable material to gain access to work. The research was carried out with the use of interviews and documentary analysis. In addition, the research work sought to discuss the historical process of the so-called "structural dump" by studying the foundations that distinguish garbage itself from itself according to the logic of capital. The implications of this historical-structural process with the Urban Question in the Federal District, the exploitation and spoliation of work and the role of Social Service. The method used was inspired by materialism-historical-dialectic. The theoretical referential framework retakes studies of urban critical social theory combined with the studies on Brasília focusing on the process of socio-spatial segregation to understand social assistance policy in the DF in the structural city. From this theoretical frame of reference eight key categories were obtained for analysis: peripheralization, urban politics, socio-spatial segregation, work, social assistance in the urban question, spoliation, social assistance and socioeconomic study. The hypothesis was partially confirmed quantitatively and qualitatively, showing the importance of the socioeconomic study in understanding and coping with the demands of the scavengers helping the better performance of the Social Service against the reality of the scavengers. In addition to after the present work the deconstruction of the prejudices and limited visions about the Structural city. Finally, the research showed the potential of Social Service in dealing with the expressions of the social question, the importance of socioeconomic study and the strength of workers in recyclable materials.

Keywords: Urban Issues; Collectors of recyclable material; Social Services, Exploration.

LISTA DE SIGLAS

BRB - Banco de Brasília

CECON - Centro de Convivência Estrutural

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CF - Constituição Federal

DF - Distrito Federal

ESE - Estudo Socioeconômico

EPIA - Estrada Indústria e Abastecimento

EPI - Equipamento de proteção individual

GDF - Governo do Distrito Federal

JK - Juscelino Kubitschek

LOCUSS-UnB - Grupo de Pesquisadores sobre o Poder Local, Políticas Urbanas e Serviço Social — UnB.

LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social

MNCR - Movimento Nacional de Catadores de Material Recicláveis

NOB - Norma Operacional Básica da Assistência Social

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos

PAIF - Proteção e Atendimento Integral à Família

PAEFI - Proteção e Atendimento Especializado à Famílias e Indivíduos

RA - Região Administrativa

RH - Recursos Humanos

SCIA - Setor Complementar de Indústria e Abastecimento

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

SLU – Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal

ZEIS - Zona Especial de Interesse Social

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Imagens comparativas dos galpões das CONSTRUIR e PLASFERRO Foto: Alessandra Regina	40
Figura 2 – Trabalhadores na triagem do lixo Foto: Alessandra Regina	41
Figura 3 Catadores no Palácio do Buriti em conversar com o governador Rodrigo Rollemberg Foto: Google	48
Figura 4 Gráfico com resultado dos estudos socioeconômicos	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PROCESSO METODOLÓGICO	18
Capítulo 1 UMA HISTÓRIA DA DESIGUALDADE SOCIOAMBIENTAL NO DF	21
1.1 Elementos históricos para (re)pensar o processo de periferização e a segregação socioambiental no DF	21
1.2 Do espaço do lixo ao espaço segregado do direito à cidade: a luta da Estrutural	24
Capítulo 2 A PARTICULARIDADE DOS CATADORES INSERIDOS NA DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO	36
2.1 A relação de trabalho dos catadores: a singularidade dos cooperados da Estrutural	36
2.2 - Relações de luta política dos catadores da Estrutural	43
Capítulo 3 A ASSISTÊNCIA SOCIAL INSERIDA NA QUESTÃO URBANA NO DF	50
3.1 A política da assistência social na periferia: O CRAS na cidade Estrutural	50
3.2 Limites e possibilidades do Estudo Socioeconômico	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

Peço a licença para que assim como já estou fazendo, o uso da 1ª pessoa. Eu e minha família saímos do interior do estado do Maranhão em 1993, nossa chegada à Estrutural se deu no mesmo ano, eu estava com apenas um ano de idade. Em 1993 a Estrutural era mais uma ocupação aos arredores de Brasília, lembro-me que morávamos em uma casa de madeirite e o que apenas demarcava o nosso terreno era um arame farpado e nossa fossa.

Em busca do seu primeiro emprego em Brasília, minha mãe encontrou no lixão da Estrutural a oportunidade que procurava, tempos depois saiu do lixão começou a lavar roupas para algumas pessoas que trabalhavam no lixão, ela usava o antigo córrego da Estrutural para poder lavar essas roupas e ainda levava eu e meu irmão. Quando minha mãe decidiu procurar um novo trabalho fora da Estrutural ela me deixou aos cuidados da nossa vizinha Adriana que hoje considero como uma segunda mãe. Quando menor não entendi o porquê da minha mãe não me criar, mas quando mais velha entendi que a situação de pauperismo em que nos encontrava demandava sacrifícios para que pudéssemos sobreviver.

Passados uns anos a Estrutural foi palco de um dos períodos mais tristes. O governo da época tentou desocupar a área em que a Estrutural se encontra até os dias de hoje, colocaram a Polícia Militar para entrar de forma truculenta e desumana a fim de expulsar todos os moradores. Nessa época eu era muito nova, mas muitas pessoas já me contaram sobre esse período tão triste da nossa história.

Bravamente a Estrutural resistiu, nós moradores começamos a ter acesso a água através de carros pipa que toda semana passavam enchendo os tambores que ficavam na frente das casas. As ligações de luz ainda eram clandestinas, porém aos poucos a CEB começou a fazer as ligações na cidade.

Depois da minha casa quase pegar fogo por inteira meus pais começaram a construí-la de alvenaria, essa foi nossa primeira conquista. Assim como os a maioria dos outros moradores que começaram a construir suas casas de alvenaria também. Meus pais com muita luta levantaram nossa casa, simples, porém muito aconchegante.

A Estrutural começou a crescer, mas com ela a violência também cresceu. Nós desde o início da cidade sofremos com a violência. Mas a violência maior que sofremos e a que

mais nos machucou, foi a violência do Estado e da sociedade que nos tratava com indiferença, nós moradores da Estrutural éramos invisíveis para o Estado e para Brasília.

Mas assim como a comunidade lutou pela permanência da cidade, lutaram pelo direito a educação, saúde, segurança, pelo direito de viver e serem respeitados e terem a sua cidade regularizada, tendo assim a garantia que não iriam ser expulsos dali.

Passados 26 anos desde o primeiro dia que cheguei na cidade Estrutural e após a conclusão desse trabalho que significou muito para mim, pois com ele voltei no tempo, recordando aquela Estrutural abandonada, estigmatizada e que estava na sombra da sociedade brasiliense. Vejo o quanto a cidade e a classe trabalhadora evoluíram e conseguiu ter acesso ao seu direito à habitação, à cidade e as políticas públicas que antes se quer eram alcançadas.

Finalizo aqui essa pequena contribuição e contextualização da relação da minha vida com essa cidade. Dando início assim a introdução do presente trabalho sobre uma classe trabalhadora forte, determinada e que não foge e nunca fugirá da luta.

O lixo não é só lixo, existe uma questão social por trás, ele é um processo histórico. O lixo literal é parte do lixo histórico, mas este é maior que o lixo literal. O lixo literal é o que vemos no dia a dia, o que não é invisível. Por sua vez, o lixo histórico é aquele invisível produto de um processo histórico.

Esse processo histórico do lixo está vinculado à luta ao direito à cidade. Mas o lixo literal encobre a luta pelo direito à cidade. Fazendo com que apenas um lado do lixo seja notado que é o lixo em si, deixando o lixo para si submerso e sendo este o mais importante.

Algumas pessoas em Brasília falam mal da Estrutural porque veem a sua história reduzida à história do lixão. Por isso é necessário que o Serviço Social saiba disso para que possa atuar assim de maneira mais eficaz. Dessa maneira, a presente monografia tendo como método o materialismo-histórico-dialético tem como objeto a relação do Serviço Social com a classe trabalhadora da cidade Estrutural mediada pelos estudos socioeconômicos. Tendo como objetivo geral o desejo em contribuir para a prática do Serviço Social no contexto da política urbana do Distrito Federal com foco na identidade da classe trabalhadora.

Os objetivos específicos do presente trabalho foram divididos em 4 para melhor análise ao fim do trabalho. São eles: 1) revisão de literatura 2) especificar a dimensão socioambiental da política urbana 3) produzir categorias chave para análises e 4) aplicar o método histórico-dialético.

O ponto de partida para a pesquisa se deu a partir da problematização que consiste em questionar se o instrumento usado pelo Serviço Social, o estudo socioeconômico, consegue compreender e atuar frente às demandas desses catadores, diminuindo o pauperismo e as situações de exploração em que eles estão a mercê diariamente.

A hipótese de maneira direta é que o lado histórico estrutural do lixão que é mais rico do que a história do lixão em si e podem desconstruir os preconceitos, as visões limitadas acerca do que pode ser a Estrutural hoje. O ESE consegue atuar na realidade dos catadores de maneira que a partir dele a situação de pauperismo se torna conhecida podendo assim ser combatida.

A pesquisa mostrou que a hipótese foi parcialmente confirmada tanto de maneira quantitativa como qualitativa. Em que o estudo socioeconômico pode sim mostrar a realidade dos catadores podendo assim haver a ação de enfrentamento desta realidade. Contudo, os poucos estudos analisados, porém bastante relevantes, não puderam passar uma ideia total da realidade dos catadores da cidade Estrutural. Dados que serão melhor analisados futuramente em um possível mestrado ou até mesmo na atuação profissional.

Sendo também a presente monografia como mencionado acima, um ensaio visando futuramente o mestrado e conseqüentemente o aprofundamento de todas as questões aqui discutidas e também a inserção de novas discussões que aqui não puderam ser debatidas por conta do pouco tempo.

O lixo em si nessa sociedade capitalista tem uma dimensão de mercadoria havendo uma contradição de classe no momento que o lixo passa a ser mercadoria na forma da reciclagem. Tendo assim um vínculo intrínseco com a cidade Estrutural, porque ela já nasceu com a marca do lixão.

Desta maneira a presente monografia se divide em 3 capítulos. No primeiro capítulo, discutiremos sobre a construção da capital do país e como ela uma política de segregação afastando a classe trabalhadora para a periferia da cidade, sendo a Estrutural um espelho dessa política. Além de fazer (re) pensar o processo de periferização, segregação socioambiental no DF e a luta que existiu dentro da Estrutural tendo como grandes protagonistas os catadores de materiais recicláveis.

O quadro referencial teórico é composto por Lojkin que de maneira clara versa sobre a categoria segregação socioespacial sendo importante para a elucidação do porquê da

realidade dos catadores e da segregação socioespacial como fenômeno tão comum na sociedade capitalista.

Além de Maricato com a categoria política urbana que será de suma importância para entender a dinâmica da habitação, pois ela dentre outras coisas, defende que a habitação digna e ressalta a importância desta muito que moradia. Dando-nos também a compreensão da habitação como um conjunto de serviços que vai muito além de apenas ter um teto para morar.

No segundo capítulo discutiremos a alma do presente trabalho, os catadores e, falaremos sobre a relação de trabalho que estes se inserem atualmente e a luta política que eles travaram e travam na cidade. Assim se faz mais que necessário recorrer a Marx e a sua teoria social crítica nos fazendo compreender mediante as relações sociais a exploração na sociedade capitalista. Além de elucidar o conceito de trabalho podendo aplicar o conceito à prática da catação.

Recorrendo também a Iamamoto e Lessa a fim de contribuir que de maneira particular o que entendem pelo conceito de trabalho, ambos tendo como base fundamental Marx. Mesmo havendo diferença entre esses dois autores a discussão se tornou mais rica através da visão de cada autor sobre a concepção trabalho.

Usaremos também a fim de discutir a categoria espoliação urbana, Kowarick. Pois sendo um grande estudioso dessa categoria ele expõe de maneira muito completa e um o que vem a ser essa espoliação urbana. A partir disso, analisar essa categoria dentro da cidade bem como em todas as esferas de convivência.

O terceiro e último capítulo visa apresentar a política de assistência com foco na atuação do CRAS e do estudo socioeconômico. Falaremos sobre com Yazbek em que ela versa sobre a luta para a obtenção dos direitos na assistência social. Sendo as políticas da assistência um meio para incluir o usuário na sociedade.

Além disso, também será usado como importante referencial teórico o estudo de Talita Teobaldo sobre a implantação da política de assistência social no Distrito Federal em que discute sobre o conhecimento do território e de todas as suas demandas para que haja a implementação eficaz de políticas públicas, esse estudo nos dá uma importante base para analisar como a política de assistência está sendo implementada atualmente no DF.

E Mioto que versa sobre o estudo socioeconômico, sua função, seus efeitos e sua importância. Com a ida a campo foi possível atestar a importância desse instrumento no trabalho do Serviço Social e sua funcionalidade.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, com a exposição das conclusões obtidas após longo processo de pesquisa para o presente trabalho.

PROCESSO METODOLÓGICO

O procedimento metodológico adotado para a execução do presente trabalho se desenvolveu através de uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória, descritiva, bibliográfica, observação etológica. O método foi o materialismo-histórico-dialético. Além da pesquisa de campo.

Foi realizado um levantamento da bibliografia sobre a política urbana, o trabalho dos catadores, sobre o movimento político que os representa, sobre a política de assistência, o estudo socioeconômico além das legislações que versam sobre esses assuntos, a fim de construir uma base teórica que auxiliasse o processo de criação intelectual acerca da análise crítica que foi feita sobre a realidade dos catadores, analisando seu ambiente de trabalho, a política de assistência e o trabalho do Serviço Social.

Houve também a busca por recursos audiovisuais como documentários contando a história da Estrutural, outros que falavam sobre os catadores de material reciclável na sociedade atual e a busca a alguns diretores desses documentários a fim de conseguir algum material extra sobre os documentários e até mesmo algum depoimento contando sobre o processo de criação e contato como os catadores, contudo, não houve êxito quanto a participação desses diretores. A busca pela bibliografia se deu durante todo o processo criativo da monografia.

Após toda organização da bibliografia base, o segundo momento da pesquisa foi o mais difícil, a ida a campo. Se iniciou no início no segundo semestre de 2018 em pleno período eleitoral o que dificultou um pouco tendo em vista que o foco das pessoas estava voltado para as eleições.

Ficou decidido em meio às orientações que a ida a campo seria muito pertinente para a elaboração agregando mais ainda ao trabalho. Ouvir os catadores por eles próprios foi a meta inicial e não apenas se limitar aos estudos teóricos de outras pessoas falando deles e sim eles por eles.

O primeiro contato com os catadores se deu através de intermediações tendo como grandes parceiros nesta empreitada, conhecidos que mantinham contato ou eram da família de algum catador. Essa estratégia foi tomada tendo em vista que a abordagem se daria de maneira fácil com algum conhecido intermediando.

Assim, a ida a campo foi iniciada através das entrevistas que foram realizadas com 3 catadores, dentre eles dois presidentes de cooperativas, um catador individual¹ e a secretária da cooperativa Plasferro, pois no momento da visita a cooperativa a presidente estava ausente. Houve a ida em duas cooperativas, a do Setor P Sul e a que fica na cidade Estrutural, as duas outras entrevistas se deram na casa dos entrevistados.

As entrevistas de maneira geral ocorreram muito bem e de maneira bastante esclarecedora, cada entrevistado passou a sua visão da realidade que o acometia. Contudo a partir das falas dos catadores pode-se entender que as condições de trabalho eram semelhantes nas duas cooperativas. Mas em contraponto a condição de trabalho em relação ao catador individual é diferente. Como a estrutura mais adequada e aos benefícios trabalhistas que os cooperados têm, mas o catador individual não. Diferenças que não puderam ser aprofundadas no presente trabalho.

Após as entrevistas houve o primeiro contato com o Centro de Referência de Assistência Social feito a partir de ligação telefônica, não encontrando a assistente social de referência, logo houve a segunda tentativa com ida ao CRAS que se deu de maneira muito proveitosa tendo com o acolhimento por parte da assistente social.

Dias após acordado a ida ao CRAS para análise de alguns estudos socioeconômicos a dinâmica para analisar uma parte de muitos que haviam nas caixas era a partir de uma planilha do Excel separar as informações por categorias, por exemplo, gênero, ano de nascimento e catadores inseridos no Programa Bolsa Família. Para que pudesse haver uma noção maior do perfil destes catadores.

Pelo período de uma tarde inteira e de maneira bastante célere, foram analisados ao total 109 estudos socioeconômicos que deram uma noção do perfil de alguns catadores de materiais que haviam trabalhado no lixão da Estrutural. Só puderam ser analisados a quantidade citada devido ao pouco tempo disponível.

Finalizado a ida a campo tanto nas cooperativas como no CRAS, houve a transcrição das entrevistas e de imediato a reflexão acerca de tudo que foi visto e também lido na bibliografia básica. Relacionando tudo que foi visto na prática e teoria. Elucidando os próximos passos na construção da pesquisa.

De maneira a organizar todo o material recolhido com a ida a campo e com a pesquisa bibliográfica. Foram criados 8 relatórios que continham o referencial teórico, relatório da

¹ Catador individual porque trabalha por conta própria. Este trabalhava no lixão da Estrutural, mas após fechamento decidiu não entrar em nenhuma cooperativa.

planilha do ESE, relatório de mapas, relatório da história da Estrutural, relatório de fotos, das entrevistas e dos documentários. Para que assim ficasse mais organizado quando algum fosse usado na construção escrita da pesquisa.

Com a ida a campo pode-se chegar à conclusão que a observação etológica foi a maneira mais viável e mais elucidativa que colaborou para o melhor entendimento da realidade social dos catadores. Além de proporcionar a pesquisadora outro olhar para a coleta seletiva não visando apenas o bem ambiental, mas enxergando aqueles que são os responsáveis por ela acontecer.

Por fim, todos os processos realizados e as dinâmicas empregadas a eles foram essenciais para que a construção da monografia se desse de maneira mais tranquila tanto na parte teórica como na ida a campo.

Capítulo 1: UMA HISTÓRIA DA DESIGUALDADE SOCIOAMBIENTAL NO DF

A Estrutural surgiu em meio ao lixo que na verdade, vai muito além do lixo em si, mas sim uma contradição social. O lixão da estrutural sintetiza um processo histórico-estrutural das relações sociais do Distrito Federal e que não é tão visível. A discriminação surgindo em um período que Brasília estava se desenvolvendo, estudar o período em que Brasília se iniciou é bastante importante para entender o porquê das invasões no DF e como a Estrutural surgiu e o que ocorreu até que ela passasse de invasão para cidade. E conhecer todos os que ajudaram a criar essa história.

1.1 Elementos históricos para (re) pensar o processo de periferização e a segregação socioambiental no DF

O processo de urbanização do Brasil, desde seu início tem em seu cerne e de maneira bastante consolidada o sistema capitalista, isso se apresenta de maneira mais clara com o surgimento de um mercado imobiliário excludente que por sua vez tem a ver como na cidade a divisão social hierarquizada do trabalho que dispõe de forma desigual a ocupação do território. Esse processo é também chamado de segregação socioespacial das classes sociais (LOJKINE,1981). Esse sistema é o maior influenciador de todas as desigualdades nas áreas urbanas.

Além disso, o processo de urbanização também foi fortemente influenciado por esses dois fatores: a importância do trabalho escravo (inclusive para a construção e manutenção das cidades), a pouca importância dada à reprodução da força de trabalho mesmo com a emergência do trabalhador livre, e o poder político relacionado ao patrimônio pessoal (MARICATO, 2001).

É comum nos meios de comunicação ouvir dizer que “o ideal desenvolvimentista” de Juscelino foi o responsável pela mudança da capital federal que na época era no Rio de Janeiro para o Centro Oeste do país. Assim, o argumento para justificar a alienação e o desperdício apela sempre para a funcionalidade técnica e a razão puramente estética. O sistema urbano brasileiro foi concebido a partir dos pressupostos estabelecidos pela civilização do petróleo e submeteu-se radicalmente à ditadura do automóvel. (Castelo Branco in: PAVIANI 1987). Portanto, foi uma necessidade do desenvolvimento capitalista que criou as condições para a transferência da capital.

À medida que a cidade foi surgindo no cerrado brasileiro, tomando cores e formas, o processo de migração se tornou intenso tanto pelos que encabeçaram o projeto como engenheiros, arquitetos e principalmente os operários que vinham de fora para ajudar na construção da capital federal. Trazendo com eles não apenas sua força de trabalho, mas a “esperança de melhores dias para trazer suas famílias e viver com dignidade” (Gouveia, 2010).

Assim, o canteiro de obras foi dando lugar a cidade e com ela problemas comuns a qualquer metrópole capitalista moderna. As áreas residenciais para aqueles que ajudaram na construção de Brasília eram bem precárias e estavam sendo levantado longe do centro de Brasília o Plano Piloto.

O crescimento urbano sempre se deu com exclusão social, desde a emergência do trabalhador livre na sociedade brasileira, que é quando as cidades tendem a ganhar nova dimensão e tem início o problema de habitação (MARICATO, 2001). A cidade melhor localizada, mais movimentada e com as maiores ofertas de trabalho se tornam mais valorizadas e por consequência a sua estadia se tornou mais cara.

Assim sendo, a área mais apropriada para habitação que já estava sendo povoada formando o plano piloto ficou “reservado” para o alto escalão que foram os responsáveis por todo o planejamento de construção, em outras palavras, para a classe média.

Resultado disso foram as reivindicações por parte dos operários que estava sendo deslocados para longe do Plano Piloto e sendo colocados em residências aquém das que mereciam.

Mike Davis (2006) expõe de maneira clara um dos motivos que fazem com que ocorra a segregação socioespacial nos grandes centros urbanos:

“Com isso, quem não consegue se manter nesta realidade começa a migrar para os extremos da cidade, em áreas insalubres, sem saneamento básico, em um local que não há qualquer segurança e nem uma oferta de emprego, fazendo com que essas pessoas retornem ao centro para procurar trabalho e ao fim do dia retornem a sua casa que horas do centro. Mas o terreno gratuito, ou quase isso, compensa viagens épicas da periferia para o trabalho.”

Fazendo com que a segregação socioespacial se desse de maneira mais forte do que foi o seu início. Desta maneira, entende-se que a cidade capitalista parece assim não

funcionar simplesmente como um cenário onde ocorrem as lutas de classes, mas sim, como um arranjo especial, estruturado para atender as necessidades do capital (Gouveia,2010).

Assim, Brasília com a sua alta valorização e rendida a especulação imobiliária contou com o aumento de tudo que a ela fazia parte, se tornando inviável para a classe operária. Ficando assim “restrita” a burguesia pois eram os únicos que conseguiriam se manter naquela dinâmica.

A classe trabalhadora sendo o elo “mais fraco” na luta de classes, e não conseguindo qualquer apoio do governo. Se viu obrigada a migrar para lugares periféricos, em áreas menos valorizadas, dando início as primeiras ocupações irregulares.

Em busca de sobrevivência e um lugar para se estabelecer, a periferia se tornou a opção mais viável e senão a única possível, mesmo estando distante do acesso a serviços básicos como hospitais, escolas, delegacias, mercados etc. Nas palavras de (Gouveia,2010) fica claro que o urbano é instrumentalizado pela burguesia, que segrega as classes populares pelo preço da terra, colocando o espaço a serviço do modo de produção capitalista.

Levando a uma expressiva migração de operários para as margens do Plano Piloto formando grande invasões como a de Ceilândia, Sobradinho e Gama. Assim, Brasília ao mesmo tempo que se tornou um símbolo do urbanismo moderno, se configurou como um modelo quase perfeito de segregação e controle social e espacial (Gouveia,2010).

Por conta da segregação socioespacial surgiu a chamada Cidade Livre² que futuramente viria a ser o Núcleo Bandeirante. Em consequência a isso surgiram muitas invasões e construções irregulares que, ao lado dos acampamentos de obras, se constituíam nas alternativas de habitação (Jaccoud,2010) de trabalhadores que participaram da construção de Brasília.

Assim sendo, essas invasões que surgiram viriam a se regularizar e formar as primeiras cidades-satélites. Dessa maneira, o governo foi jogando para a periferia o candango e isolando Brasília para a burocracia estatal que começava a chegar (Jaccoud,2010).

² O nome Cidade Livre surgiu da isenção de impostos e da cessão dos lotes em Regime de comodato, concedidos pelo Governo para atrair comerciantes. A Cidade livre hoje é o que conhecemos por Núcleo Bandeirante.

1.2 Do espaço do lixo ao espaço segregado do direito à cidade: a luta da Estrutural

Inicialmente, cerca de 100 catadores começaram a se instalar ao lado do “lixão da Estrutural”. Mesmo sendo um local insalubre e inapto para morar, a necessidade fez com isso não tivesse importância e ali permaneceram. E começou assim a invasão da Estrutural.

No início da década de 70, surge o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA) tendo por finalidade, ligar a Estrada Indústria e Abastecimento (EPIA) à BR- 070 Ceilândia e Taguatinga. Via de ligação muito importante no DF.

Por volta de 1997 houve a aprovação do projeto urbanístico do SCIA. Todavia por ainda haver a invasão da Estrutural a implementação total deste projeto foi adiada tendo sido implementada anos depois. Em 2006 a Vila Estrutural foi adicionada a região administrativa do SCIA dando origem a Região Administrativa (RA) XXV.

Subsequente a isso, a Estrutural ganha o título de Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)³ o que a fez ganhar parâmetros urbanísticos especiais tendo por base o Estatuto da Cidade, regido pela Lei 10.257/2001. E, a posteriori, houve a sua regularização, o que proporcionou a Estrutural ser legalmente uma cidade.

Mas, a cidade em si não é composta apenas pelo que a fez ser conhecida pela sua legislação. Mas por aqueles que fazem a cidade crescer e se desenvolver, os moradores são o coração da cidade, eles que dão vida a ela. Por isso, é mais que necessário contar como se deu a formação social da cidade Estrutural.

Como já mencionado anteriormente, a cidade se encontrava em um local inapropriado e insalubre para se habitar. Ali não havia quaisquer recursos básicos para a manutenção da vida, tampouco para a construção de uma cidade.

Alguns fatores que solidificam a afirmação anterior são: 1) a falta de saneamento básico 2) o risco ambiental tendo em vista a contaminação do solo por conta do chorume e que logo se transforma em gás metano 3) a existência do gasoduto da Petrobrás que havia ali havia causando risco para a vida dos catadores e 4) e danos ambientais poderiam ser causado a área do Parque Nacional de Brasília.

³ É um instrumento de Política Urbana instituído pelo Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que define uma categoria de zoneamento para demarcação de áreas vazias ou de áreas ocupadas para fins de habitação de interesse social. (Fonte: http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/1_Caderno-ZEIS-Vers%c3%a3o-Final.pdf)

Mesmo com fatores que apontavam que o melhor seria não habitar a área como os mencionados acima, os catadores permaneceram ali, pois aquela era a única oportunidade a vista que tinham para conseguir um lugar para viver e até trabalhar. Sendo assim, permaneceram e lutaram pela sua permanência.

A permanência ao redor do lixão, não foi uma conquista fácil. Com os primeiros barracos vieram as primeiras ofensivas do governo da época. Nada de muito concreto ocorreu, mas ao passo que mais barracos eram levantados, as investidas por parte do Estado se tornaram mais frequentes e hostis.

Esses ataques provocaram feridas que não cicatrizaram totalmente e que podem ser percebidas até hoje através de uma simples conversa com os moradores mais antigos. Eles sofreram na pele com a violência de um governo que queria apenas fazer uma higienização a fim de limpar essa “mancha” que se tornou a invasão, ficando a poucos quilômetros da capital do país.

Resultado de toda a violência exercida pelo estado foram as mortes na cidade em 1995 essas vidas jamais serão recuperadas, mas os dias sombrios daquela tarde de novembro de 95 permanece forte na memória da comunidade até dos mais jovens que assim como eu eram apenas crianças na época.

Mas desse período triste, cresceu nos moradores um sentimento maior de coletividade, a classe trabalhadora que já estava em formação e a cidade começou a formar a sua própria identidade. Isso foi ocorrendo de maneira lenta, porém gradual.

Para entender melhor a consequência desses fatos e como os moradores se mantiveram depois é preciso compreender o contexto sociopolítico em que os moradores estavam inseridos na época. E conseqüentemente, o lugar desses moradores dentro de uma sociedade tão segregacionista como a nossa.

Inicialmente, o território em que os catadores começaram a se estabelecer era inapto, sem qualquer saneamento básico ou uma estrutura mínima para que ali pudesse se estruturar uma cidade. Para todo lado havia lixo e o risco a saúde de quem ali habitava era eminente. Mas quando a miséria se faz companheira por tanto tempo tende-se a se acostumar com ela.

A necessidade pela moradia própria fez com que as pessoas que se alojaram ao redor do lixo, não dessem muita importância aos riscos que ali corriam. A necessidade em se estabelecer rapidamente e tentar prover um mínimo para a sobrevivência da sua família falou

mais alto. Viver do resto que a sociedade jogava no lixão foi a primeira saída para tentar sobreviver.

Ao passo que a invasão da Estrutural foi crescendo, ganhando evidência e se perdurando, novos moradores começaram a chegar de outras localidades do DF e fora dele. Com o aumento dessa migração os próprios moradores não poderiam imaginar a que proporção isso chegaria.

Antes, o que era 100 moradores passou a ser 500 e dia após dia esse número só foi crescendo e a ocupação se tornando maior e mais populosa. O contingente de pessoas invadindo foi tão surpreendente que toda essa movimentação ganhou uma visibilidade que logo a notícia de mais uma invasão se espalhou pela cidade.

Com o intuito de frear o crescimento da ocupação, o governo da época decidiu por expulsar os moradores dessa região, começando assim a se articular junto aos órgãos competentes e a força policial uma medida de controle. Os moradores imaginando o que viria a acontecer começaram a se articular.

Com a ameaça de retirada dos arredores do lixão, de maneira natural entre os moradores surgiu algumas lideranças, que passaram a fazer o seu papel em uma dupla função: a de canalizar e fazer fluir as reivindicações dos moradores ao poder público (Resende 2010). Sendo a voz dos moradores.

Ali se percebia que a luta pelo direito a casa própria não seria fácil e realmente não foi. Agora mesmo com as primeiras derrubadas, o número de pessoas foi aumentando, muitas chegavam de Taguatinga. Esse processo se deu de maneira tão rápida que ao passo que barracos foram derrubados pela manhã, pela noite o dobro era levantado.

E assim acontecia a “quebra de braço” entre moradores e o governo da época, as ofensivas ocorriam pelo dia, derrubadas, agressões e todo tipo de ataques contra os moradores. Mas, com o surgimento do primeiro movimento de representação dos moradores, a associação. Estes, por sua vez, conseguiram apoios importantes para o movimento.

Políticos opositoristas ao governo se fizeram muito presentes e apareciam regularmente nas reuniões dos moradores. E, dentro da invasão começaram a incentivar a resistência e a luta contra as derrubadas que estavam ocorrendo. Tudo movido a interesse como normalmente ocorre.

Doravante, além dos moradores lutando contra os atos de opressão vindos do poder público, tiveram também que lidar com a especulação imobiliária. Pois muitos se aproveitaram do momento para conseguir lotes e venderem logo depois ao contrário, da maioria que ali se fazia presente e que realmente necessitava de moradia.

No cenário político da época, os embates entre governo x oposição se tornam ferrenho, sendo a invasão seu campo de disputa. Os dois lados se valeram das armas que tinham e em meio ao período político eles aproveitam a fragilidade dos moradores e do cenário social que ali foi estabelecido para angariar votos e uma possível reeleição.

Essa postura de ambas as partes só revelou como toda a população da invasão, estavam sendo usados para a ascensão de ao poder pelos grupos políticos que estavam em disputa. O que menos importava de fato, era a situação de pauperismo extremo em que os moradores estavam inseridos.

Quando essa competição foi deixada um pouco de lado, o lado mais frágil disso tudo acabou por sofrer as consequências. O governo e a polícia militar do Distrito Federal deram início a Operação Tornado que foi responsável pelo período mais violento do governo Cristóvão tendo por base de extrema repressão que resultaram agressão, mortes e desaparecimento de pessoas.

Em meio ao conflito morador x polícia, um soldado acabou morto e a violência policial aumentou ainda mais sobre o povo. Resultado desta ação foram dois homicídios, um sequestro e um homicídio tentado. Além de muitos feridos, outros trancados em jaulas como animais e tudo isso autorizado pelos que deveriam representar realmente o povo e os defender.

Além disso, não achando o suficiente toda a violência já praticada contra os moradores, o governador da época como forma de intimidar, instituiu uma administração militar a fim de não deixar a invasão expandir mais do que já estava. Essa também foi uma forma oprimir ainda mais os moradores. Montando na área um cerco militar.

Não apenas a entrada de moradores passou a ser limitada e controlada, mas tudo o que os moradores levavam para dentro da invasão era controlado como a comida, a água e tudo que eles conseguiam comprar e levar para sua família. Tentando com isso a desistência dos moradores e a desocupação da área.

Porém, todas as ações que ocorreram a fim de expulsar a população da Estrutural não tiveram êxito. Em nenhum momento houve a preocupação ambiental por conta do Parque Nacional de Brasília estar ali perto. Mas a área seria destinada a empresários da construção visando então fortalecer ainda mais a especulação imobiliária. E lucrando com isso.

Com a eleição de um novo governo e a permanência da ocupação, o novo governo cumpriu o que fora falado no período eleitoral. Ficando estabelecido a permanência dos moradores. A invasão permaneceu de pé, mesmo a situação ainda demandando atenção por conta dos riscos a vida dos moradores.

Mas pela primeira vez a situação era estável sendo um incentivo aos moradores que perderam suas casas, pudessem erguê-las novamente. Quando essa levatada das casas se iniciou os próprios moradores começaram a organizar a cidade. Surgindo assim os primeiros endereços e as primeiras ruas.

A garantia de fato que eles ficariam ali não era total, mas só em não ter que passar novamente por todo sofrimento e humilhação ao qual essas pessoas passaram, já foi garantiu o sentimento de vitória. Agora eles poderiam ficar raízes e aos poucos irem construindo uma nova história.

De imediato as mudanças estruturais começaram a acontecer e o que era invasão foi sendo transformada verdadeiramente em uma cidade. Mesmo sem qualquer regularização por parte do governo as primeiras casas de alvenaria foram surgindo e a cidade começou a crescer.

Surgindo suas particularidades na classe trabalhadora bem como na comunidade em geral. A cidade passou por significativas mudanças e ainda passa o que a torna muito mais valorizada e a cada dia mais sua população aumenta e a qualidade de vida também. Na cidade há uma grande evolução tanto estrutural como social.

Depois da Estrutural de fato sei regularizada e ser legalmente uma cidade, o crescimento da cidade se deu de maneira mais rápida e consolidada. Mas isso é apenas o início, a cidade ainda conta com muitos déficits na área da educação, saúde, segurança. E os moradores ainda padecem no pauperismo, mas logo vão conseguindo administrar todas as adversidades e fazendo a cidade progredir.

Após a mudança de governo e com a certeza de que a cidade iria permanecer exatamente onde ela está até hoje. Os moradores viram nisso a oportunidade de reconstrução,

não somente da cidade, mas da sua própria vida. O sonho em poder conseguir uma moradia digna os impulsionou a reconstrução da cidade.

Os tratores começaram a chegar e ao contrário do ocorreu no passado, eles serviram para preparar o terreno para que logo as primeiras casas fossem construídas. As ruas começaram a ser organizadas e logo os primeiros endereços, mesmo que provisórios, começaram a surgir.

As lembranças da violência sofrida pelos moradores, a ausência dos que se foram e as perdas materiais, ainda são muito presentes. Mas foi preciso juntar forças e começar a reescrever uma nova história da cidade. Onde agora começa a incessante busca pela moradia digna e a melhor qualidade de vida.

Além disso, ainda é preciso romper com estigmas e combater os preconceitos que todos nós moradores sofremos ou vamos sofrer, simplesmente por sermos da periferia. A Estrutural aos olhos do resto de Brasília é vista como uma cidade que apenas pode prover coisas ruins, como a violência, por exemplo.

O governo mesmo não optando pela desocupação da Estrutural anos atrás, desde então a esqueceu. Sem acesso a direitos fundamentais determinados na Constituição Federal no seu art. 5º. Sendo algum deles a saúde, trabalho, dignidade, igualdade dentre outros. Os moradores se viram tendo que sair da cidade para tentar conseguir ter acesso a alguns desses direitos.

Dentro da cidade não havia muitas fontes de emprego, a única oferta de trabalho de fato era o trabalhar no lixão. Este trabalho era o que mais rendia em relação a dinheiro, para os moradores. Quando alguns pequenos comércios e armazéns começaram a aparecer, algumas pessoas tentava uma oportunidade para trabalhar. Mas nada era tão rentável como o lixão.

Contudo, mesmo uma parte expressiva da comunidade ainda dependendo da catação do lixo para sobreviver, cada morador foi dando sua contribuição para que a cidade fosse tomando sua forma, assim como a construção das casas de madeirite e que logo se tornaram de alvenaria. A comunidade em favor da cidade e da moradia digna.

Assim, o movimento formado anteriormente que buscava o direito à habitação, agora deu lugar ao movimento de construção da cidade além de continuarem lutando também

pela conquista da cidade. Tendo em vista grandes desafios que tiveram quanto a reconstrução e seu espaço direito na sociedade.

Mesmo com todo investimento a Estrutural ainda não estava totalmente apta para servir como habitação, mas isso não foi empecilho para a expansão da cidade. As construções começaram a surgir rapidamente e logo os primeiros prédios foram surgindo junto a eles a valorização da Estrutural.

Atualmente a Estrutural encontra-se com sua estrutura devidamente regularizada e apta para morar. Entre uma das áreas mais pobres do Distrito Federal e com um dos índices de violência mais alto.

A cidade passou a ser muito valorizada por ser próxima do centro de Brasília, assim como de outras cidades bastante importante como Ceilândia, Guará, Vicente Pires e Taguatinga. E por isso tem se tornado mais populosa com a chegada de novo moradores e pequenos investidores.

O desenvolvimento social iniciou a partir da abertura de novos postos de trabalho que facilitou muito para aqueles moradores que não podiam se ausentar por muito tempo da cidade, por conta dos filhos já que ainda não haviam creches na cidade. Tendo, pois, dificuldade para procurar trabalho fora da cidade.

Atualmente a maioria dos moradores precisa se deslocar para o Plano Piloto para trabalhar e ter acesso a hospitais e escolas. Essa migração ocorre, por conta de a cidade ainda não ter capacidade de provimento de postos de trabalho para todos, sendo esta a maior demanda dos moradores. Assim a Estrutural se tornou uma cidade eminentemente dormitória.

Antes da regularização da cidade ela já avançava rumo à melhoria da estrutura física e social. Novos processos e mudanças foram acontecendo a passos largos. Pequenas ações que para qualquer outra cidade de Brasília já desenvolvida pudesse parecer simplório para os moradores foram mais um passo rumo a evolução da comunidade.

O acesso a água, por exemplo, se tinha através de cisternas e não eram todos que conseguiam esse acesso, depois como uma medida de solução deste problema houve a adesão por parte dos moradores a tambores de água, que eram abastecidos semanalmente por caminhões pipa.

Outro problema bastante comum aos moradores era a falta de energia, foi então que encontram nas ligações clandestina a solução provisória para isso. Correndo risco de que a casa pegasse fogo caso houvesse curto circuito. Algo que já aconteceu na cidade por várias vezes.

Para se deslocara da Estrutural para qualquer outra cidade de Brasília era preciso fazer um longo percurso até a BR - 095 (Estrada Parque Ceilândia) mais conhecida como a Via Estrutural, pois ainda não havia ônibus específicos de dentro da cidade, apenas carros e vans “piratas”. Assim, muitos se arriscaram e também perderam a vida ao atravessar pela BR.

À medida que a cidade foi se desenvolvendo esses problemas foram sendo solucionados. Através das inúmeras reivindicações da população aos órgãos competentes e a iniciativa de moradores dentro da cidade. Assim, ela passou a contar com o serviço pluvial, como a rede de água e esgoto e também a luz.

A cidade Estrutural passou a ser mais observada de perto pelo governo e por órgãos que cuidam da urbanização e habitação de Brasília. Assim a partir de uns projetos a cidade foi devidamente dividida por setores e áreas que facilitam mais o seu estudo e a localização dentro da cidade tanto para os próprios moradores como para as pessoas que vem de fora, seja para prestar algum serviço ou mesmo estudar a cidade.

Para melhor compreensão dividiremos aqui também essas áreas. Desta forma, primeiramente temos a área residencial, onde se localizam as todas as casas, independente do setor a que estas pertencem. Essa divisão ajuda ao fazer uma busca pelos setores residenciais.

A área comercial compreende a feira e todos os comércios, mercados, farmácias, panificadoras, bares, lanchonetes, casa de material de construção etc. Essa área ao longo dos anos vem se desenvolvendo muito rápido e sendo muito visada por pequenos empresários que vem de fora, até mesmo pela boa localização da cidade.

Há também a área central onde há os equipamentos urbanos, a administração SCIA, o Conselho Tutelar, o Centro de Cultura, o restaurante comunitário, o CRAS (se encontra agora ao lado do lixão) e na área central ficou apenas o CREAS), o terminal rodoviário e o espaço cultural.

Nas áreas mais afastadas da cidade há também campos de futebol, o Centro Olímpico que proporciona esporte e qualidade de vida principalmente para crianças e idosos da comunidade. Lugar muito diverso e que fica na área mais carente da cidade e com os maiores índices de violência, o setor Santa Luzia.

O SCIA também faz parte da Estrutural, mas se encontra mais distante da cidade, lá se encontra o centro de manutenção da polícia militar, a fábrica social que é uma importante ferramenta de qualificação profissional e também obtenção de complemento de renda para os moradores da cidade, além de conter diversas empresas de cargas, transportadoras, de bebidas como a AmBev e a Cidade dos automóveis.

Com a chegada de novos moradores, investimentos e abertura de novos estabelecimentos, houve uma modificação economia local. Os catadores de materiais recicláveis não eram mais a única classe trabalhadora presente, os comerciantes da cidade agora também formavam um número expressivo.

Com o rápido crescimento da população e da cidade, associações representativas foram surgindo, a primeira foi a dos catadores já que estes foram os primeiros trabalhadores que surgiram na Estrutural e se organização como associação, logo após a associação dos comerciantes/microempresários e a associação dos feirantes.

Logo após a Estrutural passou a ser dividida por setores (central, oeste, leste, norte, especial e o SCIA). Facilitou a localização das residências e o pleno desenvolvimento de serviços básicos como recebimento de encomendas pelos Correios o que antes era impossível, pois nem CEP havia.

Quando os endereços se limitavam apenas a ter a quadra, o número e o conjunto, era mais difícil para receber qualquer encomenda pelos ou qualquer outro serviço que precisava do endereço. A mudança nos endereços, mesmo sendo uma ação simples, significou um grande progresso para a cidade.

Com o aumento da população e a sua demanda por segurança, foi construído o posto da polícia civil que tempos mais tarde foi substituído pelo então Batalhão da Polícia Militar. Fato que trouxe um pouco de alívio aos moradores tendo em vista o alto índice de criminalidade que assolava a cidade.

A implementação da agência do BRB proporcionou aos moradores a facilidade de não precisar se deslocar para o Plano Piloto ou qualquer outra região para fazer qualquer

movimentação bancária. Ampliando assim os serviços bancários para os moradores. Pois antes dessa agência a cidade já contava com uma lotérica e dois quatro caixas eletrônicos.

A construção da primeira escola de ensino básico da Estrutural foi um dos acontecimentos mais importantes para a comunidade no que tende a estrutura social da cidade. Antes disso, os alunos precisavam se deslocar para o Guará e Cruzeiro para estudarem e isso acaba se tornando muito cansativo tanto para os pais como para os filhos.

Com a abertura da escola os alunos mais novos (público alvo eram alunos das séries iniciais) puderam ficar mais perto de casa e deixaram de sofrer com o trajeto cansativo de casa até a escola. Atualmente temos o total de 4 escolas, uma se encontra fechada por conta de um vazamento de gás, as outras 3 estão em pleno funcionamento, sendo uma dessas militarizada este ano.

Há também a 9ª Zona Eleitoral que se localiza ao lado do CREAS. Agora os moradores têm mais perto a oportunidade de exercer a sua cidadania através do voto e regularizar possíveis débitos eleitorais e mais acessibilidade para os moradores no período eleitoral.

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) com sua chegada proporcionou aos moradores maior atenção a suas demandas e no acesso a informação para obtenção de programas sociais além de poderem através do CRAS, terem o acesso a direitos que os foram negados dentre outras atividades de suma importância.

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) também assim como o CRAS tem sua importância dentro da cidade pois é o responsável pelas demandas que necessitam do apoio especializado, fatos mais graves e que vão além da competência do CRAS.

Quando esses órgãos anteriormente citados chegaram à Estrutural para possibilitar o acesso irrestrito aos direitos que muitos ainda sequer sabiam que existiam e que tinham por direito, usufruir. O cenário político era favorável ao pleno exercício e respeito as políticas públicas.

Agora, nos encontrando em um período tão nefasto que os direitos sociais estão sendo reduzidas a nada, as políticas públicas estão sendo desvalorizadas e eliminadas, e o autoritarismo do governo atual está condenando centenas de pessoas que necessitam dos benefícios assistenciais para conseguirem viver e se manter.

Contudo, se por um lado a cidade está em plena expansão e desenvolvimento, há outro lado que padece na miséria e no esquecimento não apenas do governo, mas de grande parte dos moradores da cidade. Os problemas existentes nessa localidade são os mesmos enfrentados no início da invasão.

O setor Santa Luzia é uma ocupação irregular dentro da Estrutural, seu início começa próxima a área do lixão e se estende até o SCIA e o setor de oficinas da Estrutural, é considerada uma nova invasão. Lá não há saneamento básico, o local é insalubre e não há qualquer segurança para os moradores.

Roubos e mortes são constantes, mas a solidariedade também é. A alguns anos muitas pessoas têm ajudado a cidade com doações de roupas e comidas, além do trabalho que as igrejas realizam dentro da comunidade além do CRAS ser um importante política para o enfrentamento do pauperismo e dos casos de vulnerabilidade social.

Olhar a Santa Luzia hoje é olhar a Estrutural do passado. Não diferente do início da invasão, hoje todos que ali residem convivem constantemente com a violência, com a falta de água potável, com falta de luz e com incerteza se algum dia irão conseguir permanecer sem medo ali e com sua residência própria.

Alguns moradores que vivem na Santa Luzia sobrevivem da catação, de pequenos trabalhos informais e também trabalhos voltados para atividades mais braçais como na construção civil ou em serviços gerais. A fim de lutar pela vida digna, trabalho, por uma residência e a regularização das áreas os moradores também fundaram sua associação.

Assim, eles vão resistindo a pobreza, a violência e ao abandono do estado. Vão mediante sua associação lutando contra as derrubadas, contra a violência que se alojou não cidade e que não sai mais, e lutam contra todo preconceito que também por parte dos moradores da cidade. A luta deles só está começando.

Na Estrutural desde os primeiros moradores e as primeiras conquistas, tudo ocorreu por meio da luta, seja por água, luz ou casa. Com esse sentimento combativo veio também as perdas e as repressões. Mas independente de todos os percalços a cidade permanece de pé e assim continuará se perpetuando.

Por fim, a cidade Estrutural foi erguida sobre dois pilares: o pilar do lixão e o pilar dos catadores. Como se viu neste capítulo 1 não dá para falar da Estrutural sem falar da desigualdade e da história dos trabalhadores. Para um melhor aprofundamento, essa história

dos trabalhadores que é parte essencial da história da cidade e da luta, será tratada no capítulo seguinte.

Capítulo 2 A PARTICULARIDADE DOS CATADORES INSERIDOS NA DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

No presente capítulo iremos trabalhar o conceito trabalho a partir do que Marx que entende a divisão da sociedade em classes e pretendemos analisar o fenômeno das cooperativas e o modo de trabalho a que elas estão inseridas. A análise da conjuntura atual também será pertinente para entender as situações de exploração a que estes atores sociais são submetidos de uma forma dita “indireta” de exploração do trabalho alheio. Assim como ter noção da expropriação que os assola e entender a espoliação urbana e como isso interfere diretamente na vida e no trabalho dos catadores.

2.1 A relação de trabalho dos catadores: a singularidade dos cooperados da Estrutural

Antes de adentrar na exposição sobre os catadores e a dinâmica socioestrutural em que eles estão envolvidos no território, é necessário para fim de um maior entendimento conceituar o que é trabalho e adiante o que é valor do trabalho baseando-se na teoria de Marx. Trabalho de acordo com ele é:

“Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, defronta e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida.” (Marx, V. 1, T. I pg. 297)

O trabalho é a relação do homem com a natureza em que este a modificar a fim de suprir suas necessidades sociais. A partir do momento que há essa modificação o homem também se modifica. O trabalho humano se torna um meio pelo qual o sistema capitalista irá explorar a força de trabalho do homem visando como resultado final o lucro.

A reprodução social é o processo fundado pelo trabalho, onde a consciência humana é o primeiro estágio deste processo para que somente depois haja a transformação da natureza pela necessidade do homem. Entende-se então, a partir dessas transformações realizadas pelo homem que sempre surgirão mais necessidades.

Sendo assim, tomando como base Marx nos seus estudos sobre o trabalho e sobre as relações, ele toma como ponto de partida o conjunto das relações de produção entre as

peças e não o valor. Em que essa relação se configura como coisa e passa a ser analisada de tal forma.

Assim, o trabalho tem seu papel extremamente relevante e importante para a sociedade. De acordo com Lessa:

“O trabalho é categoria fundante do mundo dos homens porque, além de ser a protoforma de todos os atos humanos (a articulação entre teleologia e causalidade), também atende à necessidade fundante de qualquer sociabilidade: a produção dos meios de produção e de subsistência a partir da natureza. Não é, portanto, apenas a categoria que faz a mediação do homem com a natureza, mas também a forma germinal da articulação entre teleologia e causalidade das características do ser social.” (Lessa, pg. 142,2007).

Com o início da sociedade mercantil e suas relações de troca bem como a forma de distribuição do trabalho, se possibilitou a partir disso o entendimento sobre o valor trabalho. Sendo que essa distribuição não tem seu ajuste pela sociedade, mas de maneira indireta através do movimento de troca das coisas.

O valor da mercadoria por sua vez é determinado pela quantidade de trabalho abstrato que foi necessário para que houvesse sua produção. Sendo medida pelo tempo de trabalho socialmente necessário. O valor é trabalho humano cristalizado (Iamamoto,2008), pois a sua existência é puramente social sendo sua materialidade apenas valorada através da relação de uma mercadoria com outra.

Na sociedade capitalista atual o produto já tem seu valor de uso e tem como função atender à necessidade dos outros. Tendo um valor que representa o trabalho que foi realizado para sua produção. Sendo assim, segundo Yamamoto (2008) o valor de troca é a forma social do produto do trabalho.

A realidade do processo de trabalho de um catador, por exemplo, assim que o lixo bruto chega na cooperativa e começa a passar pelos muitos processos de separação até estar apto para a venda, o material que triado e depositado em bags e que será vendido, antes mesmo de sair do galpão ele já tem o valor determinado a partir do tempo de trabalho empregado a ele.

Contudo, o lucro real a partir do trabalho desde a catação, triagem, separação e distribuição para os compradores não volta de maneira justa ao catador. O processo de catação e trato com o lixo é um pouco complexo e algo que demanda muito tempo e esforço

físico e mental, algo que não é colocado na balança no momento que o catador recebe por tudo o que produziu.

Nas cooperativas há certo controle sobre o trabalho do catador e o resultado do trabalho que tem seu fim no trabalho recolhido. O que de certa maneira não dá total liberdade para o catador para que ele possa assim render mais e conseguir aumentar sua renda diária. O que ocorria de maneira diferente quando estes trabalhavam no lixão.

Assim, tomando como análise o lixão da Estrutural que por anos foi o terreno fértil ao prover a subsistência dos catadores, a dinâmica do trabalho se dava de maneira livre. Mesmo existindo algumas cooperativas, o catador fazia o seu próprio horário e era o proprietário de tudo que conseguia recolher.

No lixão mesmo em meio a toda insalubridade e risco a vida dos trabalhadores, eles exerciam a atividade de catação de maneira mais livre e negociavam diretamente com os pequenos empresários da cidade, tendo total autonomia sobre a sua força de trabalho e o valor empregado a ela.

Ao observar os resultados positivos e negativos da retirada dos catadores do lixão e seu remanejamento a galpões de coleta seletiva, um aspecto negativo quanto ao trabalho é que ele se tornou mais limitado e alterou negativamente a renda desses trabalhadores. Além de ser controlado pelo Serviço de Limpeza Urbana (SLU) que faz um trabalho de fiscalização.

Para entender como ocorre essa fiscalização do SLU nas palavras do catador:

⁴Sebastião: “O governo monta uma equipe para monitorar as cooperativas que é o SLU, mas ele nos atrapalha no nosso rendimento, porque eles estão lá para nos cobrar e não nos ajudar. Nosso caso, por exemplo, a gente tentou retirar o lixo por conta própria aí não é permitido. Se a gente retirar o rejeito por conta própria, nós temos condição de retirar, a gente consegue melhorar nosso rendimento, com todo esse controle nada é permitido. Se você perguntar o que é permitido, será que é só ficar aqui ouvindo as regras? Por isso nada é permitido, e atrapalha nosso rendimento. Nós temos umas máquinas lá, a empilhadeira, esteira, e outros equipamentos que eles ofereceram pra gente, só que na verdade esses equipamentos eles não são nossos é do Governo. Aí temos que ter o maior cuidado com eles, às vezes você não tem condições mas tem que gastar porque se você danificar qualquer equipamento, tem que imediato tomar providência, tem que pagar os seus 500 mil da máquina, já que hoje é tudo superfaturado.”

Quanto à renda do catador mediante toda essa interferência do SLU que passa a ser representante do estado nos galpões a partir da fala do catador poderemos ter mais uma noção

⁴ Nome fictício para que a identidade do entrevistado se mantenha resguardada.

de como isso influencia diretamente na renda dos catadores e como isso torna difícil o pleno andamento dos trabalhos:

Sebastião: “O mais difícil hoje não só na nossa cooperativa, mas em todas é a forma da gente trabalhar com o rejeito 80% do material é jogado fora, não é aproveitado. Eles (SLU) tomam a liberdade da gente fazer um planejamento, mas não é totalmente ruim isso, por um lado é bom pelo lado da organização, a segurança do próprio catador. Ruim é pelo lado financeiro, se eles vissem o lado financeiro da gente, aí seria bom. Hoje, a maior reclamação do catador, não é forma de trabalhar lá é o rendimento.”

No aspecto positivo podemos elencar a segurança que existe nos galpões, o uso dos equipamentos de proteção individual (EPI), o catador não tem tanto contato com lixo de maneira errada, como ocorria no lixão e assim corre menos risco de pegar alguma doença ou até mesmo se ferir com algum objeto cortante. Podendo causar sérios danos a saúde do catador.

Além de todo esse controle atestado no momento da visita foi possível perceber uma diferença discrepante estruturalmente entre as cooperativas que se encontram na cidade Estrutural - CONSTRUIR e as que se localizam no Setor P Sul de Ceilândia - PLASFERRRO. Não apenas pela localização e o número de trabalhadores em atividade por dia, mas a Estrutura em si.

A cooperativa Construir se encontram em um galpão mais simples e menor em uma das saídas da cidade Estrutural, relativamente um pouco afastada da cidade. O ambiente é bastante movimentado e o descarte do lixo não é organizado até por haver pouco espaço para isso e poucas bags e contêineres. Não há empilhadeiras no local apenas um caminhão de porte pequeno comprado pela cooperativa.

Na cooperativa Plasferro o ambiente é mais organizado e limpo, há o pleno funcionamento das esteiras, há mais de uma empilhadeira, caminhões para o despejo do lixo e recolhimento do material a ser vendido, mesmo com apenas um turno os trabalhadores são alocados em cada etapa do processo de separação do lixo. E a cooperativa se encontra no final da cidade e fica longe das residências.

Abaixo fotos de parte das duas cooperativas:



Figura 1 Imagens comparativas dos galpões das COOPERAR e PLASFERRO Foto: Alessandra Regina

Contudo, estruturalmente o catador fica desamparado tendo que separar um determinado quilo de material, mas mal consegue se deslocar dentro do galpão tendo em vista o amontoado de lixo se o devido container para que possa ser estocado. Assim, através de medidas algumas que coercivas pelo SLU. Principalmente em relação à cooperativa localizada na Estrutural.

Na fala de um dos catadores em que ele expõe de maneira clara como era a renda com o trabalho no lixão em comparação a renda atual com o trabalho exercido nas cooperativas. Podemos entender que o objetivo principal é a renda para que eles consigam manter sua família.

Tendo em vista que a maioria são mulheres e homens que são os provedores da sua casa. Cada um tem suas necessidades e particularidade, mas que sentiram na pele essa mudança na renda com a ida aos galpões. Nas palavras de João:

⁵À esquerda galpão da cooperativa Plasferro e a direita da cooperativa Construir.

João⁶: “O lixo na verdade, no aterro ele tem uma renda muito boa, hoje onde estamos agora no galpão, a renda caiu 70%. O catador antes tirava seus R\$ 100,00 reais por dia hoje o catador não consegue tirar seus R\$ 40,00 reais por dia.”

O empresário que compram o material, por sua vez, aproveita-se para explorar o trabalhador e, em relação especificamente ao catador de material reciclável, ele ditar o valor a ser pago pelos materiais o que comumente é muito abaixo do que realmente vale, tendo em vista todo o trabalho exercido para obtenção do material.



Figura 2 – Trabalhadores na triagem do lixo Foto: Alessandra Regina

Na foto acima é possível observar que os trabalhadores fazem um dos processos de triagem do lixo em pé ficando assim por horas. O valor do trabalho desses catadores seria o somatório de todo o esforço exercido durante o início do processo até o final dele quando o material é vendido.

Mesmo assim a organização dos trabalhadores em cooperativas ou mesmo associações garante condição de trabalho e o acesso a políticas públicas. Se comparado ao trabalho que era exercido no lixão, a atividade de catação vem proporcionando aos catadores sua sobrevivência e uma renda fixa, mas ainda não os livra do trabalho precarizado e do preconceito que ainda sofrem por parte da sociedade.

Kowarick (1979) nos diz que a espoliação urbana seria o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que se

⁶ Nome fictício visando resguardar a identidade do catador.

⁷ Momento em que os catadores estão fazendo a triagem material que será comercializado e separando dos rejeitos. A cooperativa se encontra na cidade no Setor P Sul na cidade de Ceilândia - DF.

apresentam como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência que aumentam ainda mais dilapidação que se realiza no âmbito das relações de trabalho.

Tendo em vista o expressivo cadastro industrial de reserva na nossa sociedade atual, o trabalhador que não se adequar a maneira de trabalho não apenas nas cooperativas, mas em qualquer outro meio, é descartado como um simples objeto, pois logo haverá trabalhador para assumir seu posto e o processo exploratório continuará.

O trabalho produtivo (grande reprodutor de mais-valia) dentro desse processo é trocado por dinheiro quanto capital. Este trabalho produz valor e se limita a isso. Tendo a apropriação do trabalho de outrem. Valendo-se da exploração feroz da classe trabalhadora. Isso ocorre desde as primeiras relações de trabalho na sociedade e se perpetua de maneira forte até os dias atuais.

Ademais o pensamento fetichista transforma as relações sociais, baseadas nos elementos materiais de riqueza, em atributos de coisas sociais (mercadorias) e converte a própria relação de produção em uma coisa (dinheiro). (Iamamoto, pg.48, 2008). Essa fetichização coisifica as pessoas e dá caráter pessoal ao dinheiro o que fortalece ainda mais o capital.

Isso é muito perceptível quando se analisa a situação do catador de material reciclável das cooperativas e também aqueles que trabalham de maneira individual. Estes ao passo que exercem seu trabalho, o produto da catação - as matérias que serão reutilizados e reciclados tem sua valoração passando a valer mais que o próprio trabalhador.

Na conjuntura atual não é exagero dizer que o catador hoje para o governo é visto mais como um gasto. Todo maquinário e utensílios necessários para o desenvolvimento do trabalho dentro das cooperativas dependem do valor passado pelo governo e isso custa caro. O investimento desigual dentre as cooperativas proporciona também mais ainda o exercício do serviço precário.

Mesmo com pouco tempo que as cooperativas estão nos galpões ainda há muito para ser resolvido. Como falado ao longo desta primeira parte ainda é necessários novos galpões para os catadores que estão sem trabalhar, a questão da renda é preciso ser revista e a valorização do catador é algo que precisa ser trabalhado com a sociedade e pelo Estado os dando boas condições para exercer sua atividade.

2.2 - Relações de luta política dos catadores da Estrutural

A relação de luta com a política se relacionam bastantes nesta segunda parte do capítulo essa relação ficará bastante evidente. Será tratado aqui também sobre a importância dos catadores, os preconceitos sofridos por eles, a invisibilidade social que os permeia, os dispositivos legais que surgiram como auxílio e valorização da categoria dos trabalhadores.

O marco da regularização da profissão de catador como categoria profissional também será pontuado tendo em vista esse reconhecimento que foi o ponto de partida para que estes pudessem começar a serem reconhecidos como trabalhadores. Foi analisado a situação das cooperativas do P Sul e Estrutural que foram objeto do presente trabalho. Além do debate que engloba tudo que foi dito para melhor compreensão das lutas dos catadores.

A coleta seletiva do lixo no Brasil é uma atividade antiga, mas só nos últimos anos ela vem ganhando destaque por conta de iniciativas que começaram a surgir voltadas para a preservação ambiental. Mas o foco se manteve apenas na ação de reciclagem e não em que está reciclando, no caso aqui os catadores de materiais recicláveis.

A iniciativa de preservação tomou uma proporção muito maior através das mídias sociais, mas nada se fala quanto ao catador que está dia e noite recolhendo o lixo que jogamos nas ruas e que não separamos de maneira correta. Toda essa visibilidade não se estendeu ao catador.

Os catadores de materiais recicláveis são importantes agentes ambientais que fazem um significativo trabalho de reciclagem e preservação ambiental. Além de com a comercialização dos materiais eles também contribuem com a economia local além de garantirem para si uma renda.

Contudo, eles continuam sofrendo com o estigma social que os exclui, sendo vítimas de preconceitos pela sociedade que não os reconhece como trabalhadores. A catação por ser uma atividade subalternizada e contendo um viés negativo por parte da sociedade ela não é valorizada tampouco aqueles que vivem dela.

A invisibilidade social sempre esteve lado a lado com os catadores, assim que o descarte do lixo (resíduo e rejeito) é realizado com eles o catador também é descartado. As

peessoas sequer têm interesse em saber para onde aquele lixo vai ou quem o recolhe, a situação de precariedade não é apenas nos lixões ou nos galpões de coleta seletiva.

Os catadores são responsáveis por fazer um trabalho crucial para a preservação do meio ambiente e por evitar que a cidade permaneça suja e que assim prolifere doença advinda do lixo, mas quase ninguém reconhece esse trabalho valoroso. Ninguém os reconhece como trabalhadores nem mesmo como pessoas.

Com um trabalho tão importante eles continuam ficando à margem das relações sociais vivendo na periferia, recolhendo e reciclando o material para conseguir prover meios para viver e garantir a manutenção da família. Sempre na subalternidade que são jogados todos os dias.

O catador quanto ser social mal se reconhece nessa sociedade extremamente exploradora e capitalista. Que apenas vê valor no que garante retorno financeiro. Fatores que fazem com que não haja auto percepção do próprio catador em relação a si próprio e muitas vezes ao seu trabalho.

Alguns catadores sobrevivem de doações e da ajuda de ONGs e trabalhos assistenciais oferecidos pelas igrejas pela falta de empregos formais. A partir de uma situação semelhante a que tantos catadores ainda passam, surgiu a 30 anos atrás a primeira Cooperativa de Catadores de Papel e Papelão (Coompare)⁸ localizada em São Paulo.

Com o surgimento dessa primeira cooperativa, várias outras começaram a surgir como um efeito dominó, uma atrás da outra. Atualmente no Brasil, segundo o Movimento Nacional de Catadores de Material Recicláveis (MNCR), são 2 mil organizações de catadores no país. E esse número poderia ser maior se o governo investisse na abertura de novos centros de coleta.

Mas sabemos que o foco do atual governo não é preservar o meio ambiente muito menos abrir posto de trabalho e qualificar esses catadores e a população em geral para fazerem a coleta seletiva de maneira correta. E, assim ter mais trabalho para os catadores e evitar o caminho “mais fácil” que seria a incineração do material.

⁸ A organização é resultado de ações sociais da Ordem dos Católicos Oblatas que trabalhavam principalmente com pessoas em situação de rua e na região central da cidade de São Paulo desenvolviam ações de assistência e organização dos trabalhadores pobres da região. (Fonte: <http://www.mnrcr.org.br/noticias/blog-sudeste/coopamare-completa-30-anos-de-fundacao>. Acesso: junho de 2019)

Atualmente, o movimento de catadores de materiais recicláveis está em luta pela não incineração do lixo e em defesa da coleta seletiva. A incineração além de queimar a oportunidade de renda e trabalho dos catadores ela propaga ainda mais a poluição ambiental, pois com queimada do lixo há emissão de gases poluentes que são maléficos para a vida e ao meio ambiente.

Nesses momentos em que a organização política dos catadores se faz necessário o embate com os políticos e os grandes capitalistas será inevitável, sem uma representação forte e sólida a frente dos catadores a luta se torna mais árdua do que já será. Principalmente quando se luta contra um governo da extrema direita e que beneficia apenas uma parcela da sociedade, a quem detém o capital.

Enquanto isso a classe baixa, vide aqui os catadores de materiais recicláveis, estão padecendo na miséria e mal tendo acesso a seus direitos e ainda sendo cada vez mais jogados para longe da sociedade. Além de não ter seu trabalho recompensado com o valor justo que lhe cabe.

Em consonância com Gouveia:

“Apesar da reciclagem de materiais estar em pleno crescimento no Brasil, sendo ambientalmente reconhecida a sua importância por amenizar os problemas ambientais causados pela sociedade do consumo, o principal agente colaborador, o trabalhador catador, tem ficado à margem dos benefícios econômicos alcançados com esta atividade, sobretudo, dos lucros auferidos pelas empresas que atuam no setor.” (Gouveia, pg.73, 2005)

A partir da necessidade de uma maior representação o MNCR, surgiu em 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel e teve sua fundação no 1º Congresso de Catadores de Material Recicláveis em Brasília no ano de 2001. Reunindo mais de 1.700 catadores no Congresso Nacional. No Encontro foi escrito a carta Brasília que versava sobre as necessidades dos catadores.

Além de terem impulsionado outros movimentos de catadores de dentro e fora do Brasil. Em 2003 dois anos após o primeiro Congresso, houve o 1º Congresso Latino-Americano de catadores em Caxias do Sul e como ocorreu em Brasília, os catadores elaboraram uma carta (de Caxias) em que era exposto às demandas dos catadores da América Latina.

Já em 2006 os catadores marcharam rumo a Brasília a fim de reivindicar junto ao Governo Federal a criação de postos de trabalho em cooperativas e associações. Essa Marcha ficou conhecida como a Marcha em Brasília. Mostrando mais uma vez para os governantes e toda a população a força dos catadores de materiais recicláveis.

Esses congressos foram importantes para mostrar a força do movimento nacional dos catadores e também como forma de articular a cada congresso medidas para poder reivindicar mais direitos aos catadores. Além de ser um grande demonstrativo da categoria para o governo a fim de pressioná-los por mudanças nas leis.

Para que houvesse também uma maior responsabilidade com a coleta seletiva e maior conscientização da população e do poder público com o descarte do lixo e mais cuidado com os catadores e respeito à luta em favor do trabalho e da conservação ambiental. Pautas essas que andam juntas.

Desde o primeiro Congresso o MNCR passou a ser uma forte influência para a luta da categoria no Brasil. Os atos que ocorreram em prol da visibilidade do catador, valorização do seu trabalho e o pleno acesso aos direitos sociais foi um grande passo para as organizações dos catadores não apenas em âmbito nacional como regional.

Outro meio que surgiu para ser um grande ponto de apoio na luta dos catadores foi a aprovação da Lei 12.305 de 2010 que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), essa política foi a maior conquista que o movimento conseguiu dada a sua importância como importante ferramenta para a valorização do trabalho do catador.

A PNRS atribui responsabilidades pela geração dos resíduos sólidos e também sobre a sua gestão. A lei conceitua o que é reciclagem, o que é a responsabilidade compartilhada e apresenta como alguns instrumentos a coleta seletiva e o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou associações.

E ao apontar a responsabilidade compartilhada podemos perceber que há uma maior preocupação com a questão ambiental e com a inclusão social dos catadores. Mas essa inclusão deve ser realizada de uma maneira que os catadores não tenham apenas a inclusão no ambiente do trabalho, mas de fato sendo incluídos na sociedade.

Houve também a criação do Programa Pró- Catador mediante o decreto nº 7.405 de 2010 que tem a finalidade de integrar e articular junto ao Governo Federal ações voltadas

para o apoio aos catadores de materiais recicláveis. Provendo, por exemplo, a capacitação e aquisição de equipamentos.

O Decreto 5.940 de 2006 versa sobre a obrigatoriedade da separação dos resíduos pelos órgãos e administrações públicas para que sejam destinados às associações e cooperativas.

Todas essas legislações auxiliam para que haja uma maior responsabilidade quanto a coleta seletiva e dar uma visibilidade e valorização ao trabalho do catador. Entretanto, nem tudo que está nas legislações de fato estão sendo cumprindo. Mas só em ter um aparato legal como estes já é um grande feito para a categoria e para a maior preservação ambiental.

O perfil dos catadores inicialmente contava com a predominância de pessoas que estavam em situação de rua depois a catação passou a ser realizada por pessoas que se encontravam desempregada. Que buscou na coleta seletiva uma nova profissão a fim de ser manter economicamente e ter uma profissão.

Em 2002 a catação passou a ser categoria profissional sendo reconhecida e oficializada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) ⁹. Isso significou uma grande vitória para a categoria pois agora eles tinham a sua profissão legalmente reconhecida. O que proporcionou o reconhecimento a essa atividade e a esses trabalhadores.

Vide como se encontra descrição da categoria profissional dos catadores na CBO:

“Os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança.”

Embora, expressa (Medeiros; Macêdo, 2006 *apud* Miura,2004) “o problema não está em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim, em reconhecer seu direito às condições dignas de trabalho e de vida para além da perspectiva estrita da sobrevivência.”

⁹ A estrutura básica da CBO foi elaborada em 1977, resultado do convênio firmado entre o Brasil e a Organização das Nações Unidas - ONU, por intermédio da Organização Internacional do Trabalho - OIT, no Projeto de Planejamento de Recursos Humanos (Projeto BRA/70/550), tendo como base a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações - CIUO de 1968.

Não adianta apenas o reconhecimento via legal se não há um local digno de trabalho apropriado para o catador exercer sua profissão. A questão vai muito além de ter dignidade como pessoa. É preciso mais galpões para a reciclagem coletiva, pois ainda há muitos trabalhadores desempregados e desassistidos. Pois a maior demanda é por trabalho.

Especificamente na cidade Estrutural que foi o campo de pesquisa para o presente trabalho, a luta pela dignidade passou a ser a luta pelo direito ao trabalho e a luta por mais galpões e novas vagas de trabalho nas cooperativas. Os catadores dentro do próprio lixão já estavam organizados em cooperativas, mas de uma maneira mais individual.

Antes de o lixão ser fechado os próprios catadores começaram uma organização para reivindicar que o trabalhador não ficasse sem seu ganha pão. Tendo em vista os dois mil catadores que atuavam no lixão, a proposta do governo de trabalho não abarcaria a todos. Diante desse momento os catadores se juntaram e foi rumo ao centro de Brasília reivindicar.

O ato foi organizado pelo MNCR juntamente com os catadores ligados ao movimento, à marcha rumo ao Palácio do Buriti aconteceu em 13 de janeiro de 2017. Eles tinham como pauta reivindicatória o não fechamento do lixão da Estrutural e a garantir que haveria trabalho para os catadores.



10

Figura 3 Catadores no Palácio do Buriti em conversar com o governador Rodrigo Rollemberg Foto: Google

¹⁰ Catadores de diversas cooperativas da cidade Estrutural em reunião com o então governador Rodrigo Rollemberg no Palácio do Buriti. Fonte: Google fotos.

Eles tinham como pauta a inclusão social de todos os catadores que trabalhavam no lixão. Outra pauta seria transformar o lixão em uma área de transbordo em que seria feito a triagem do lixo antes que houvesse a transferência para o aterro garantindo desse modo o aproveitamento máximo do material.

Mesmo com a marcha e o expressivo número de catadores que ali estavam, após fechamento do lixão há dois anos, nenhuma das pautas foram atendidas. Atualmente o lixão receber apenas o lixo da construção civil¹¹ e como os catadores desejavam ele não foi transformado em uma área de transbordo e nem todos os catadores que trabalhavam no lixão estão nas cooperativas.

Mesmo com todas as conquistas dos catadores da cidade Estrutural desde que o lixão foi fechado e até mesmo com a criação das políticas públicas e leis voltadas a eles, muita coisa ainda é preciso ser revista como a oferta de trabalho para todos os catadores e a mais apoio do governo e a aplicação da coleta seletiva de maneira correta.

¹¹ Restos de entulhos de obras.

Capítulo 3 A ASSISTÊNCIA SOCIAL INSERIDA NA QUESTÃO URBANA NO DF

Antes de discorrer sobre a análise dos estudos socioeconômicos no Centro de Referência em Assistência Social - CRAS é imprescindível de antemão mencionar sobre o surgimento da política de assistência em relação à questão Urbana no DF baseando-se na pesquisa de Talita Teobaldo “A implantação da política de assistência social no Distrito Federal: mapeamento e análise da rede de proteção social especial de alta complexidade na dinâmica socioespacial”¹². Desta maneira será mais fácil compreender a importância do CRAS nesta política e seus efeitos positivos para os usuários. Em seguida a apresentação do Estudo Socioeconômico sendo este uma importante ferramenta para conhecer a realidade do usuário e pautar o início da atuação do Serviço Social.

3.1 A política da assistência social na periferia: O CRAS na cidade Estrutural

A política de Assistência Social, vem sendo regulamentada intensivamente pelo Governo Federal, com aprovação pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), por meio da Política Nacional de Assistência Social (2004) e do Sistema Único de Assistência Social (2005).

A assistência social está inserida no conjunto de políticas sociais que compreende a Seguridade Social juntamente com a Saúde e a Previdência Social (Yazbek,2015). Ela surge para prover o acesso universal a Política Social pela população que se encontra em situação de vulnerabilidade e risco social.

Em 1995 surgiu a I Conferência Nacional de Assistência Social com a finalidade de avaliar e propor diretrizes para o aprimoramento da gestão do SUAS, na perspectiva da valorização dos trabalhadores e da qualificação dos serviços, programas, projetos e benefícios e em continuidade aos avanços conquistados. Essa conferência desde o seu ano de surgimento vem sendo realizada ano após ano. Sob organização do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome (MDS) e o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

¹² Talita Teobaldo, pesquisadora do Grupo de Pesquisadores sobre o Poder Local, Políticas Urbanas e Serviço Social - LOCUSS – UnB. A partir do seu trabalho de pioneirismo no estudo da política de assistência em relação a questão urbana no DF agregou ainda mais o presente mediante a riqueza de detalhes em que ela versa sobre a política de assistência e seus dispositivos, se tornou possível entender e, posteriormente, discutir de maneira mais clara a atuação do CRAS frente a política de assistência no DF.

A conferência é muito importante tendo em vista que o SUAS tem a necessidade de estar em constante evolução e para que isso ocorra da melhor maneira há a realização da CNAS que é a tradução de esforços emblemáticos de toda a sociedade brasileira – gestores, trabalhadores, usuários, prestadores de serviços da implementação do Sistema Único de Assistência Social - SUAS. (VI Conferência Nacional de Assistência Social,2006)

Sendo assim dado o acesso de qualidade aos benefícios assistenciais que integram o Sistema Único de Assistência Social - SUAS. O SUAS por sua vez é o que estabelece uma organização das ações da política de Assistência Social de acordo com a complexidade dos serviços. Havendo dois segmentos uma é a atenção social básica em que compreende o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS oferecer esse atendimento, e por outro lado há atenção social especial que compreende ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS.

Contudo, esses direitos são expropriados fazendo com que aqueles que mais necessitam não consigam o acesso de maneira rápida e simplificada aos direitos tendo que muitas vezes lutar e reivindicar. Justamente por aqueles que deveriam prover o livre acesso aos direitos pelos cidadãos. Contudo, para as pessoas de classe baixa sofrem ao conviver rotineiramente com todas essas ações que visam a supressão dos direitos sociais.

A ida ao CRAS em busca de auxílios já é um movimento de luta pelo direito ao acesso aos programas assistenciais. Yazbek expressa:

“O social torna-se campo de lutas e de manifestação dos espoliados, o que não significa uma ruptura com o padrão de dominação e de clientelismo do Estado brasileiro no trato com a questão social. ”
(Yazbek, pg.30,2015)

Permitindo aos usuários condição para que possam sair da condição extrema de pauperismo em que se encontram. Por meio de políticas públicas que visam a inclusão do usuário na sociedade e através de programas como o Bolsa Família que garante um meio para que o beneficiário se mantenha financeiramente até conseguir uma atividade fixa formal.

A política de assistência social foi estabelecida e começou a ser reconhecida como política pública na Constituição de 1988. A assistência por ter seu caráter não contributivo seu alcance se torna mais abrangente e, com isso, uma parcela maior da população consegue se assistida e ter pleno acesso mesmo que haja uma pequena burocracia para obtenção dos auxílios.

Em 1993 a Lei Orgânica da Assistência Social - Lei 8.742/93, surge para regulamentar aquilo que já havia sido estabelecido pela Constituição Federal. A LOAS vai criar toda uma regulamentação desses artigos contidos na CF sobre a assistência social. No seu primeiro artigo há a conceituação do que é a Assistência Social:

Art. 1º A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. ” (LOAS, art. 1, 1993)

Com a Constituição Federal e com a LOAS, a assistência social passou a ser interpretada de fato como uma política pública da Seguridade e se distanciando do assistencialismo. Reafirmando sua maior função como extensão de direitos às populações que vivem na subalternidade. A LOAS tem um papel inovador para a política de assistência.

A LOAS trouxe inovações ao apresentar novo desenho institucional para a assistência social, ao afirmar seu caráter de direito não contributivo, ao apontar a necessária integração entre o econômico e o social, a centralidade do Estado na universalização e garantia dos direitos e de acesso aos serviços sociais com participação da população (Yasbek,2015).

Em 2004 o movimento foi para a criação da Política Nacional da Assistência Social - PNAS, esse documento é a organização da política, aquilo que só havia sido estabelecido em 1988 pela Constituição Federal e regulamentado em 1993 pela LOAS agora é organizado nesse documento.

A partir desse documento surgirão algumas normativas, por exemplo, a Norma Operacional Básica da Assistência Social - NOB/ SUAS e a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS - NOB/RH. Essas NOBs são formas de operacionalizar a atuação da política. Esse documento também irá tipificar os serviços socioassistenciais previstos na LOAS.

Compreender o funcionamento do CRAS e qual seu papel dentro da política de assistência é possível então mostrar os resultados advindos da análise de alguns estudos socioeconômicos - ESE dos catadores de materiais recicláveis realizados pela equipe do CRAS da Estrutural, para entender como esse instrumento funciona na prática e qual seu resultado.

Contudo, antes de entender o funcionamento do Centro de Referência de Assistência Social precisamos discorrer sobre a importância das políticas públicas acessadas de maneira igualitária por todos que necessitam e a sua efetiva formulação. Talita Teobaldo em sua dissertação discorre de maneira esclarecedora e pontual sobre isso:

“Conhecer as cidades e sobre elas extrair informações tem se mostrado essencial para a formulação de políticas públicas. É por meio do conhecimento da dinâmica socioespacial das cidades que se torna possível a criação de diagnósticos eficazes, parâmetros avaliativos e o entendimento da complexidade de relações que se imbricam e trazem consequências sobre o modo de vida dos moradores. ”
(Teobaldo, 2007)

Dessa maneira o conhecimento sobre o território se faz essencial para a formulação das políticas públicas assim como a construção de parâmetros avaliativos que proporcionem o melhor entendimento da dinâmica socioespacial fazendo com que as políticas públicas possam atender de maneira universal a todos.

Além disso, a intervenção profissional na política de assistência social não pode ser vista apenas como executora das atividades contidas nos documentos institucionais. Isso imediatamente limitaria as atividades da política executadas e reduzindo a uma simples “gestora da pobreza”.

Desse modo, a complexificação e diferenciação das necessidades sociais, conforme apontada pelo SUAS E PNAS, e que atribui à Assistência Social as funções de proteção básica e especial, com foco de atuação na “matricialidade sóciofamiliar”, não deve restringir a intervenção profissional, sobretudo a do/a assistente social, às abordagens que tratam as necessidades sociais como problemas e responsabilidades individuais e grupais. (Parâmetros para atuação de Assistentes Sociais na Política de Assistência Social, 2004)

Sendo a matricialidade o foco da proteção social básica e especial, tendo em vista os casos de exclusão sociocultural que acontecem sobre as famílias,¹³ faz-se primordial sua centralidade no âmbito das ações da política de assistência social, como espaço privilegiado e insubstituível de proteção e socialização primárias, provedora de cuidados aos seus

¹³ “As três dimensões clássicas de sua definição (sexualidade, procriação e convivência) já não tem o mesmo grau de imbricamento que se acreditava outrora. Estamos diante de uma família quando encontramos um conjunto de pessoas que se acham unidas por laços consanguíneos, afetivos e, ou de solidariedade. ” (Política Nacional de Assistência Social, 2005)

membros, mas que precisa também ser cuidada e protegida. (Política Nacional de Assistência Social, 2004)

Como mencionado anteriormente, o CRAS é um dos equipamentos do Sistema Único da Assistência Social - SUAS voltado para a atenção básica e, responsável por organizar e ofertar os benefícios socioassistenciais eventuais e benefícios de prestação continuada - BPC. Tendo como principal serviço oferecido o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF.

Dentre os objetivos do PAIF um dos mais importantes é o fortalecimento protetivo da família, promoção do acesso aos direitos socioassistenciais e ações que contribuem para a melhoria na qualidade de vida da família dos usuários, podendo ser realizados grupos no CRAS de apoio bem como o trabalho individual.

O PAIF reconhece a família como:

“Como espaço privilegiado de proteção e desenvolvimento das pessoas assim trabalha o fortalecimento da convivência familiar e comunitária, por meio de ações individuais e coletivas como acolhida, oficinas com famílias, ações comunitárias, ações, ações particularizadas e encaminhamentos. ”
(<http://www.sedes.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/FOLDER-CRAS.pdf>)

O público alvo do CRAS são pessoas em situação de grave desproteção, idosos, pessoas com deficiência, pessoas inseridas no Cadastro Único¹⁴, e os usuários dos programas de transferência de renda: Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada - BPC, dentre outros.

O Centro de Referência de Assistência Social busca prevenir situações de riscos antes que elas aconteçam, por meio do desenvolvimento de potencialidades do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e da ampliação ao acesso aos direitos.

Se mostrando assim como uma importante estratégia de atendimento, pela gama de ações que ele pode desenvolver, cabendo aos gestores dos municípios e do Distrito Federal, juntamente com a equipe técnica, buscando incessantemente a busca pela qualidade. E, além disso, fazer com que o acesso aos direitos aconteça.

¹⁴ O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (Cadastro Único) é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, permitindo que o governo conheça melhor a realidade socioeconômica dessa população. (Fonte: <http://mds.gov.br/assuntos/cadastro-unico/o-que-e-e-para-que-serve>)

Quanto às informações sobre o período em que houve a implementação do CRAS na cidade Estrutural, não foi possível fazer um levantamento e não foi encontrado nenhum registro ou documento oficial que desse essa informação. Contudo, em meados de 2011 para 2012 surgiu a Rede Social da Estrutural.

A Rede teve seu início em 2011 após o IX Conferência de Assistência Social do Distrito Federal, mas foi em 2012 que esse movimento realmente se consolidou. O movimento era formado por um grupo de pessoas que residiam dentro da Estrutural sendo usuários das políticas e pessoas vinculadas à execução de políticas públicas.

A partir de reuniões os participantes da Rede construíam as pautas e analisavam as demandas da comunidade e articulavam ações e, encaminharam a pauta da reunião com as demandas para aos órgãos responsáveis a fim de que obtivesse alguma solução viável para a cidade.

Após pequena análise de como a rede se movimentava frente às demandas mais recorrentes da cidade e como se posicionava a partir disso, a Rede Social da Estrutural pode ser vista como a primeira rede socioassistencial da Estrutural.

Dentre os participantes desse movimento havia um que representava o Centro de Referência Especializado em Assistência Social - CREAS que foi visto como o precursor da Rede Social da Estrutural. Assim, esse representante junto aos outros conversava sobre as demandas da cidade, casos de violência, a necessidade por escolas e repassava para algum representante do governo.

Diante disso, tendo como base essa atuação do CREAS anteriormente mencionado, podemos supor que o CRAS tenha surgido na Estrutural após 2012 e ter dado prosseguimento aos trabalhos da antiga Rede Social da Estrutural. Contudo, o CRAS em caráter estrutural e de competência é bem diferente da Rede.

O CRAS Estrutural está dentro da Rede do SUAS que ainda conta com três equipamentos que pertencem a Secretaria de Estado do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos do Distrito Federal - SEDESTMIDH que após seu desmembramento ficou apenas Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social- SEDES.

Além do CRAS dentro da Rede SUAS há também o CREAS Estrutural faz parte da rede de proteção especial e é a unidade que oferta o Serviço de Proteção e Atendimento

Especializado à Famílias e Indivíduos - PAEFI em situação de ameaça ou violações de direitos em decorrência de violência física, psicológica, sexual etc.

O CREAS Estrutural presta serviços especializados tais como: apoio, orientação e acompanhamentos continuados a indivíduos e famílias em situação de ameaça ou violação de direito. Tem como objetivos: autonomia, protagonismo, função protetiva da família entre outros tipos de violência.

O Centro de Convivência Estrutural - CECON executa o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. Organizando de tal modo a ampliar trocas culturais e de vivências, além de desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecendo vínculos familiares e incentivando a socialização e a convivência comunitária (Relatório de Atividades Rede SUAS 2018).

O CRAS com todas suas funcionalidades, equipe multiprofissional e importância na política de assistência é um importante meio para que pessoas que residem em áreas mais carentes possam ser vistas como pessoas de direito através do acesso aos direitos sociais. Por isso, o trabalho realizado no CRAS foi escolhido como um objeto de estudo aqui no presente capítulo.

A Estrutural é atualmente uma área que abarca as muitas expressões da questão social. Lá em um terreno frutífero para análises acerca da exploração do trabalho, alienação, pobreza, insegurança, dentre tantas outras coisas. O CRAS ao reconhecer a cidade proporciona para aqueles que dela vivem a oportunidade de melhorar sua situação.

Além de ser um local onde as pessoas com todas suas potencialidades são orientadas e recebem o auxílio necessário para sair da situação de pauperismo. Com o CRAS a cidade pode é vista e entendida desde sua origem até os dias atuais.

Contudo, isso não ocorre de maneira célere, mas ponto a ponto através do trabalho realizado por toda a equipe da do CRAS Estrutural. No próximo tópico será possível entender como o CRAS influencia a vida dos catadores que são aqui o público alvo deste estudo, e tendo como base a análise dos Estudos Socioeconômico dos trabalhadores.

3.2 Limites e possibilidades do Estudo Socioeconômico

O CRAS como organizador e ofertante dos serviços de proteção básica como já dito anteriormente, tem um papel fundamental ao garantir a proteção social e o acesso aos direitos ao usuário. Tendo isso como base, iremos expor aqui o resultado da análise de alguns estudos socioeconômicos dos catadores de materiais recicláveis da Estrutural e também analisar como o CRAS vê esses catadores.

Foram analisados o total de 109 estudos socioeconômicos - ESE dos catadores de materiais recicláveis. Mesmo sem ter focado na data de realização do estudo, pode-se presumir que tenham sido feitos logo após o encerramento das atividades no lixão. A ida aos estudos socioeconômicos deu-se a fim de conhecer o perfil dos catadores.

Segundo (Mioto, pg.6, 2000 *apud* Fávero, pg.42, 2004) o estudo tem “por finalidade conhecer com profundidade, e de forma crítica uma determinada situação ou expressão da questão social, objeto da intervenção profissional especialmente nos seus aspectos socioeconômicos e culturais”.

Assim o ESE pode ser visto como uma ferramenta que auxilia bastante o assistente social pois a partir desse estudo é possível conhecer a situação do usuário e poder assim detectar suas demandas iniciais para além da entrevista social além de ter como resultado o parecer social.

Tendo o estudo socioeconômico por finalidade primeira a emissão de um parecer, (Mioto, 2000) nos diz que “essa finalidade é ampliada quando se incluem a obtenção e análise de dados sobre as condições econômicas, políticas, sociais e culturais da população atendida em programas ou serviços, partir do conjunto dos estudos efetuados como procedimento necessário para subsidiar o planejamento e a gestão de serviços e programas, bem como a reformulação ou formulação de políticas sociais. ”

Com os catadores que trabalhavam no lixão da Estrutural o ESE funcionou como uma porta de entrada para os galpões servindo também como um “cadastro” dos catadores. Além de a partir dele os catadores terem acesso ao curso oferecido pelo Governo do Distrito Federal de capacitação e terem direito a receber o valor de R\$ 300,00 como uma ajuda de custo do CRAS.

Contudo, nem todos os catadores que trabalhavam no lixão conseguiram vaga para trabalhar nas cooperativas pelo pouco espaço dos galpões e como já mencionado em capítulo anterior o mesmo ocorreu com essa ajuda de custo do CRAS e nem todos conseguiram fazer o curso proposto pelo GDF.

Após indagar o entrevistado sobre como se deu esse processo de distribuição desses valores ele relatou:

José: “O governo ao fechar o lixo, o CRAS na verdade fez um pacote chamado “ajuda de custo” que dava R\$ 360,00 onde dava um complemento de renda, durante 6 meses. Mas agora eles criaram outro pacote que chama: “agente ambiental” que dá R\$ 300,00 reais por mês só que para isso foi contemplando só 700 catadores, não foram todos, juntando todas as cooperativas. A expectativa da gente era colocar mais catadores, para agente ambiental”.

Para fins de análise, após análise dos estudos socioeconômicos apreciados pode ser constatado que os homens eram maioria em um universo de 109 ESE, em que sessenta e sete são homens e as mulheres somam quarenta e duas. Mas ao ir a campo o que foi visto foi o contrário, as mulheres nos dois galpões visitados eram maioria.

Esse contingente expressivo de mulheres trouxe a reflexão sobre as múltiplas jornadas que as catadoras enfrentam por dia. Muitas além de catadoras são mães, esposas, estudantes e ainda tiram um tempo para fazer algum trabalho informal a fim de complementar a renda de casa. A múltipla jornada da mulher é muito comum nessa sociedade atual.

Pode ser captado também que 45% dos catadores recebem o Bolsa Família, a partir disso podemos pensar sobre essa porcentagem relativamente alta tendo em vista que os trabalhadores recebem da cooperativa pelo trabalho da coleta seletiva.

Além disso, esse número também nos faz indagar, sobre a situação econômica do catador, ao fazer as entrevistas foi constatado e já falado que o valor que eles recebem atualmente não os deixa numa situação confortável onde alguns precisam trabalhar em um turno contrário ao da cooperativa para complementar renda.

A Bolsa Família para esses 45% é esse complemento de renda que faltava, mas dependendo de como esteja estruturada a família do catador, com número de integrantes e a condição de moradia, talvez ainda não seja o bastante. Essas respostas serão respondidas em um trabalho futuro.

Dando prosseguimento, 29% dos estudos analisados são de catadores nascidos nos anos 90. Jovens que talvez só tenham tido a oportunidade de trabalho a partir da catação, outros podem estar desde crianças nessa atividade, pois quando o lixão estava em funcionamento havia muitas denúncias de trabalho infantil. Essas crianças podem ser esses jovens de hoje que tiveram seu estudo analisado.

Além disso, presume-se que muitos desses catadores que tem abaixo dos 30 anos não tenham terminado seus estudos e, ou ainda esteja estudando a noite que é o horário mais apto para estudar tendo em vista que o trabalho na cooperativa é durante o dia. Mas pode haver muitos outros fatores que fizeram com que estes tenham em meio a sua juventude irem trabalhar na catação.

Dos 109 estudos, 39% dos cooperados têm filhos menores de idade, alguns de dois, três anos de idade. Uma porcentagem relativamente alta e que nos dá uma ideia do perfil atual dos catadores, trabalhadores e trabalhadores com filhos pequenos, que precisam sair cedo de casa para irem em busca do sustento do seu lar.

Via conversa informal com alguns catadores que têm filhos menores de idade, ao perguntar sobre com quem as crianças ficavam quando eles saiam para trabalhar, uns responderam que deixam com a família, mãe, irmã ou alguma tia, outros deixam com o (a) companheiro (a) quando este não trabalha fora, outros deixam com algum vizinho de confiança e pagam um valor simbólico.

Os estudos também mostram um percentual de 4% de catadores que têm casos de pessoas com deficiência em casa ou que sofrem de alguma doença. Mesmo sendo a menor porcentagem essa particularidade não pode ser deixada de lado. É preciso refletir quanto a situação desses catadores especificamente os que sofrem com alguma doença.

O trabalho pesado na cooperativa por si só pode ocasionar o agravamento das enfermidades e, levar o catador a ficar inapto a trabalhar fazendo com que este mais uma vez seja impedido de trabalhar e conseqüentemente impedido de prover o básico para sua família.

Devemos refletir também sobre o direito ao benefício de prestação continuada que o trabalhador teoricamente tem direito, será que ele está fazendo uso desse benefício ou sabe que tem direito a ele? Infelizmente pelo pouco tempo e por este trabalho ser apenas um pequeno aparato da situação dos catadores não foi possível aprofundar nessa questão e muito menos responder esses questionamentos.

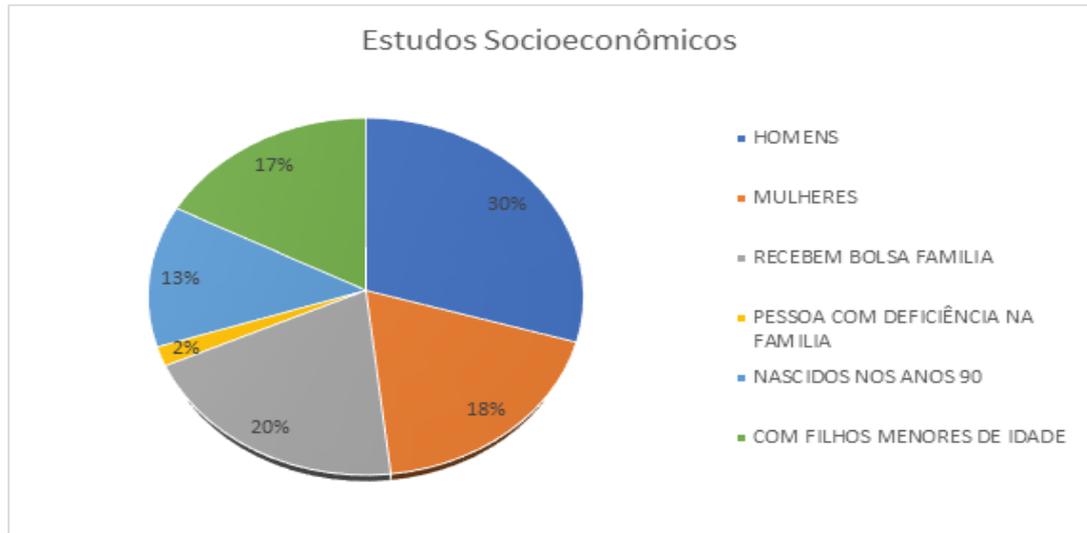


Figura 4 Gráfico com resultado dos estudos socioeconômicos

Futuramente todos os questionamentos surgidos após a análise dos estudos socioeconômicos serão a base para o melhor aprofundamento sobre as políticas socioassistenciais que os trabalhadores têm acesso, bem como na discussão das múltiplas expressões da questão social que abarcam esses importantes atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração dessa monografia, adentramos ao mundo dos catadores de materiais recicláveis, no mundo do lixo histórico que nos mostrou sua importância e a necessidade de tirar das sombras os catadores que lá foram colocados. Além de adentrar em uma discussão profunda sobre a Questão Urbana com o foco na atuação do Serviço Social.

Durante todo o percurso de elaboração da monografia procurou-se apresentar a realidade vivida pela classe trabalhadora da cidade Estrutural desde sua origem até os dias atuais.

A presente monografia tomou como ponto de partida para iniciar o presente trabalho o problema que questiona se a partir da análise dos estudos socioeconômicos dos catadores de materiais recicláveis e tendo a compreensão da realidade social em que esses catadores estão inseridos e havendo o agravamento da situação de pauperismo, interessa perguntar se o instrumento usado pelo Serviço Social (estudo socioeconômico) consegue compreender e atuar frente às demandas desses catadores, diminuindo o pauperismo e as situações de exploração em que eles estão a mercê diariamente?

Desta forma e com o objetivo geral de contribuir para a prática do Serviço Social no contexto da política urbana do Distrito Federal (DF) com foco na identidade da classe trabalhadora, definidos os seguintes objetivos específicos: 1) revisão da literatura sobre a relação do mundo do trabalho com foco no pauperismo relacionado a exploração e espoliação do trabalhador urbano. 2) especificar a dimensão socioambiental da política urbana e da problemática da habitação. 3) produzir categorias chave para a análise extraídas das revisões bibliográficas e 4) aplicar o método histórico estrutural da reflexão teórica do objeto e sistematização dos resultados.

E estabelecida a seguinte hipótese: O lado histórico estrutural do lixo que é mais rico do que a história do lixo em si e podem desconstruir os preconceitos, as visões limitadas acerca do que pode ser a Estrutural hoje. O ESE consegue atuar na realidade dos catadores de maneira que a partir dele a situação de pauperismo se torna conhecida podendo assim ser combatida.

E, analisando os oito relatórios que foram relacionados entre si, divididos em: referencial teórico, planilha do estudo socioeconômico, história da Estrutural, fotos, entrevistas, documentários, mapas, e a parte descritiva da pesquisa. Em que foram retirados

dos 70% achados do quadro referencial teórico, oito categorias chaves além de analisados dois documentários, terem sido realizadas quatro entrevistas e a análise de três fotos que contam muito sobre o objeto da presente pesquisa.

A pesquisa ao fim nos mostrou o poder de uma classe trabalhadora que desde sua origem luta pela habitação digna, pelo trabalho digno e por sua valorização como trabalhadores que mesmo em meio a uma sociedade capitalista e excludentes eles seguem firmes e mostrando a importância do seu papel na sociedade e para a conservação do meio ambiente.

Assim, a hipótese foi parcialmente confirmada e mostrou o quão importante o estudo socioeconômico a cada dia se torna para a melhor atuação do Serviço Social frente a realidade dos catadores. E verificou-se a partir principalmente da ida a campo como o lado histórico-estrutural do lixo é mais importante que o lixo, desconstruindo os preconceitos, as visões limitadas da cidade Estrutural e mediante sua organização política mostrando sua força.

Por fim, como já falado anteriormente essa monografia é apenas um ensaio que será melhorado e seu objeto como tudo que o permeia será discutido de maneira mais profunda futuramente no mestrado. Além de ser agregado novas discussões acerca dos catadores da questão urbana e das suas particularidades, como por exemplo, a diferença do catador individual e o cooperado ao recorrer a Seguridade Social em específico a política de assistência social.

Aqui me coloco como apenas uma seguidora da linhagem de professores da UnB que querem dar voz no cabo da habitação ao direito à cidade para o Serviço Social como também aos excluídos. Tendo como grande referência Safira Bezerra¹⁵ que deu voz aos excluídos, sendo a pioneira em trabalhar com exclusão no território e dando voz aos excluídos das periferias.

Mesmo sendo um trabalho que exigiu muito tanto intelectualmente como fisicamente, realizar este trabalho foi muito proveitoso e estudar a questão urbana com um pouco mais de profundidade foi maravilhoso. Alguns eixos precisavam ser melhor debatidos e talvez isso não tenha ocorrido.

¹⁵ Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte(1959), especialização em Política do desenvolvimento pela Institut International de Recherche et de Formation en vue du Développement(1970), mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília(1976), doutorado em SERVIÇO SOCIAL pela Universidade Federal Fluminense(1979) e pós-doutorado pela Boston University(1984).

Como uma autocrítica e visando a elaboração de trabalhos futuros, cabe aqui ressaltar que faltou mais coragem para aprofundar em algumas discussões que deixaria a pesquisa mais rica e fundamentada. E faltou mais “cara-de-pau” para ir atrás de mais entrevistas para que os catadores pudessem ter mais voz dentro do presente trabalho.

Contudo, após a finalização da presente pesquisa e com os resultados obtidos tudo isso será passado para os catadores, a fim de devolver a eles o fruto do que eles ajudaram a construir.

REFERÊNCIAS

- PAVIANI, Aldo (Coord.). **A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, c2010. 321 p. (Coleção Brasília)
- PAVIANI, Aldo. **Brasília -- gestão urbana: conflitos e cidadania**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BICCA, Paulo. **Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão**. São Paulo, SP: Projeto, 1985.
- LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOTA, Ana Elizabete (org.). **O mito da assistência social: ensaios sobre Estado, Política e Sociedade**. 3.ed. São Paulo: Cortez,2009.
- YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. 8. ed. São Paulo: Cortez,2015.
- PAVIANI, Aldo (org.) **Urbanização e metropolização**. Brasília: Universidade de Brasília: 1987.
- KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PAVIANI, Aldo(org.) **Brasília: Moradia e Exclusão**. Brasília: Universidade de Brasília: 1996.
- CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2011, Brasília. **VIII Conferência Nacional de Assistência Social**. Brasília: Conselho Nacional de Assistência Social, 2011. 444 p.
- POLITICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2009, Brasília. **POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005. 178 p.

DAVIS, MIKE. Planeta Favela. São Paulo: 2006.

BRASIL, Presidência da República. **Lei de Regulamentação da profissão**, Lei nº 8.662 de 7 de junho de 1993.

BRASIL, Presidência da República, **Lei de Organização da Assistência Social**, Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993.

RANGEL, **Elisete de Fátima**. **A implementação e Implantação do CRAS em São José dos Campos: um estudo do CRAS- Eugênio de Melo**. São Paulo: 2009.

MINISTÉRIO DO TRABALHO, **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em:
< <https://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>
Acesso: 24 de jun.2019.